

Voz de S. Antonio



Revista mensal
illustrada

Abençoada por S. S. Leão
XIII. Pelo Exc.^{mo} Ordinário e
vários Prelados.

DEZEMBRO DE 1907

7.^a Serie — 14.^o Anno

N.^o 12

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

O 3.º Congresso nacionalista.

- I PARTE — **Secção doutrinal:** A Ordem terceira e a politica. Terços da Belgica. — Resoluções das Congregações Romanas.
- II PARTE — **Secção Historica:** S. Francisco na Peninsula. — Pensamentos e anedotas.
- III PARTE — **Leituras amenas:** Quadros (acomodação do hespanhol) — Insectos : As moscas.
- IV PARTE — **Echos de S. Francisco e S. Antonio:** Santo Protector do mês. — Organização interna da Ordem Terceira em Portugal, etc. — O Pão de S. Antonio em Vimioso, Gôa e diversas partes. — Os nossos defunctos.
- V PARTE — **Secção Scientifico-litteraria:** Notas de critica litteraria. — A psicologia da literatura. As nossas illustrações. — Bibliographia. — Revistas e jornaes.
- VI PARTE — **Chronica Universal:** Portugal e Estrangeiro. — Carta d'Africa. — De toda a parte.
- Gravuras:** O antigo Castello de Castro Daire (Armas da Villa). — Castro Daire (A eira ou jogo da bola — lugar onde existiu o antigo Castello — Castro Daire (Rua Visconde Guedes Teixeira). — Castro Daire (Avenida das Acacias).

CHRONICA LIGEIRA

Summario. — *Os patriotas ; quem são, donde veem, o que pretendem.* — *Varias e variadas cartas ; o patriota de primeira classe ; genealogia, formação intellectual, proezas e desinteresse patriotico. . .* — *O patriota de segunda classe ; o manipulador eleicoeiro ; Napoleão em Austerlitz.* — *O patriota de terceira classe ; besta de carga do amo. . .* — *Um arremêdo das praxes coimbrans ; a teta nacional protestando.*

Oh ! . . . Os patriotas ! . . .

Pena é que Limneu se tenha esquecido de esquadriñar uma a preceito, minudenciar bem, *tim-tim por tim-tim*, com genero proximo e differença especifica, a genealogia, a linhagem, o tronco, a estirpe, a raça enfim, por onde conseguiram introduzir-se na fórma politica nacional os patriotas. . .

Donde virá semelhante bicho ?

Havia de ser coisa muito curiosa de saber-se. . .

Eu bem sei que patriota foi D. Affonso Henriques ; patriota D. João I ; patriota Nuno Alvares Pereira ; patriota os heroes de 1640. Mas isso era vinho de outra pipa : os nossos patriotas de hoje lêem por outra cartilha ; evidentemente nada tem de commum com esses patriotas de algum dia.

Ahi por altura de 1820 tambem os patriotas deram muito que falar de si. Por signal que aquelle repontão linguaraz, de José Agostinho de Macedo, lhes poz a calva á mostra e o sal na molleira, aperreando-os ao torniquête da sua logica de ferro, e sentindo, muito de coração, não poder manuzear á vontade um outro argumento, cuja apologia fez n'estes termos :

«Um arrazoado páo, sacudido a tempo, é mais milagroso que a mais vehemente Filippica e vigorosa Catilinaria.»

Serão oriundos d'então os nossos patriotas de hoje ? . . .

Não me atrevo a decidir a questão : fique esse encargo á reconhecida perspicacia do Leitor.

Mas, como quer que seja, o que mais nos in-

teressará é o conhecer directa e pessoalmente esse typo exotico, do patriota nacional.

Pois, se te apraz, Leitor, vamos a isso. Faze provisão larga de commiseração e paciencia, e comecemos.

*

Ha varias e mui variadas castas de patriotas. O patriota de *primeira classe* o prototipo incorruptivel do terreno desinteresse e da dedicacão á causa publica, passou ordinariamente por Coimbra, ou frequentou alguma outra escola superior. Talvez não chegou a bacharel, o que pouco importa ; certo é, porém, que estudou muito, e durante muitos annos. . .

Se não saiu consummado em todas as sciencias e conhecimentos, não foi á mingua de estudar.

Naquelle largo periodo de formação scientifica e incubação patriotica, o neofito promettedor foi *regenerador* ou *progressista «enragé»*, se as tradições atavicas ou as conveniencias domesticas o exigiam (a seita *franquista*, porque ainda não tem historia, não pôde entrar no nosso estado ; muitas vezes foi mesmo (quem o diria ? . . .) *miguellista* ou *catholico* ; e, na maioria dos casos, foi *republicano*, de um republicanismo feroz, intransigente, radicalissimo, revolucionario, até. . .

Depois, quando o buço começou a sombrear o labio superior, o patriota embrionario mandou para os jornaes longas tiradas de prosa inflamada, (estyló José de Alpoim) ou fez umas quadrinhas á lua, ou um soneto ás tranças de ouro de uma Galatêa chlorotica, ou um epicedio lagrimejante do esvaecer dos sonhos côr-de-rosa, que o embalaram entre cueiros, e á morte das suas illusões desfeitas. . .

Mais tarde, como quer que encerrasse o primeiro tomo, a época romantica, da sua vida, com esse vulgarissimo ponto final que se chama *o casamento*, o patriota viu-se, como chefe de familia, e pai de filhos, em contacto com as realidades mais positivas e prosaicas d'este valle de lagrimas : a necessidade de agenciar «o pão nosso de cada dia» para si e para os seus.

E' o momento psychologico : a fibra patriotica principia então a vibrar desalmadamente ; e aquelles meninos começam a sentir uma necessidade irresistivel de trabalhar activa e devotada-

Voz de S. Antonio

DIRECTOR

P. Agostinho Motta

REDACTOR PRINCIPAL

P. Innocencio do Nascimento

Composição e impressão — Pap. Universal e Typ. a Vapor de Augusto Costa & Mattos — BRAGA

Redacção e Administração

MONTARIOL — BRAGA

PROPRIETARIO

Domingos José de Souza Gomes

ADMINISTRADOR

Manuel José dos Santos

O 3.º CONGRESSO NACIONALISTA

BRAGA teve a honra de reunir dentro dos seus velhos muros um dos mais importantes congressos do Partido Nacionalista.

A sua importancia, que já era grande pelo momento historico em que se realisava e pelo excelente programa que propuzera, aumentou com a boa organização que teve e com o brilhantismo das suas sessões publicas.

Devemos, em grande parte, um elogio semelhante ás sessões particulares, porque produziram uma obra de extraordinario alcance, cheia de bom senso e cheia de verdade: — o manifesto do Partido Nacionalista ao Paiz.

As suas conclusões — bastante numerosas — são de um grande valôr, porque revestem quasi todas o caracter pratico. Se alguma coisa ha a lamentar é que, pela falta de organização politica e pela falta de união, não se possam desde já cumprir.

Sentimol-o pelos momentos oportunos que já perdemos, pelos que ainda poderão perder-se e tambem pela situação que cada vez se agrava mais e que, se não produziu ainda grandes desastres, foi por um acto de prudencia do rotativismo ante esse grupo de homens, que num principio de crise, deram o grito d'alarme e fundaram o partido nacionalista.

Mas deixem que elles se acostumem a ver esse grupo, inactivo e que possam contar com a sua falta de pericia, pela falta de organização, e verão como se levantam e como o calcam aos pés, do mes-

mo modo que o snr. João Franco — tão pobrezinho de elementos — se tem bur-lado da pouca firmeza e da má orienta-ção dos seus adversarios.

E' preciso que os Congressos se lembrem de que o tempo em que vivemos é mais o producto de uma *revolução* que o de uma *evolução*. E' bem distinto: o que a evolução natural faria lentamente e com mais tino e segurança, fel-o a revolução, de repente, e, por isso mesmo, violentando os principios, as ideias e as sociedades.

Estamos longe, porém, de considerar a revolução francesa como um movimento cégo e acéfalo. Não; a revolução francesa nas suas causas e nos homens que a dirigiram apresenta-nos, ao contrario, um grande exemplo de tino e de prudencia relativa ao fim que se propunham — muito embora lhe não podessem medir todas as consequencias.

Se, para destruir revolucionariamente uma sociedade, é preciso ter um apoio nos seus abusos, não é menos necessario conhecê-la bem e conhecer os elementos de que se póde dispôr.

Efectivamente, quem lêr os discursos de Robespierre ou de Marat que a historia nos conserva, verá como elles conheciam bem o christianismo e o absolutismo e como se souberam aproveitar da triste amalgama em que viviam para, com o aniquilamento de um, tentarem a destruição do outro. Reputavam-nos inseparaveis: quizeram destruil-os.

O christianismo não cafu, mas conseguiram pol-o em hostilidade com as nações modernas.

Estamos, por isso, vivendo numa sociedade cujos principios — efeito de uma revolução — se não podem fugir ás influencias gerais da civilização christã, são, contudo, anti-christãos pela detur-

pação e pelos exageros a que os obrigam.

Estamos deschristianizados.

E são grandes as responsabilidades que nos cabem, a nós e aos nossos antepassados, porque, não ligando importância aos primeiros movimentos desta politica desorientada que, diga-se de passagem, nos colheu totalmente desprevidos, deixamos avolumar-lhe as consequências de tal modo que, ao reconhecer-as algum tempo depois, achamos demasiado difficil o trabalho de reconstrução e lançamo-nos estarrecidos nos braços da inatividade que fomos procurar nos recantos da sacristia.

Com isto obtivemos apenas que o mal tomasse proporções maiores, dificultando-nos mais o trabalho, entorpecendo a acção benéfica dos principios christãos.

A obrigação que agora temos de trabalhar e que felizmente já vai sendo reconhecida por alguns homens e pelos nossos congressos, está em razão directa daquella responsabilidade e da necessidade que ha de reintegração completa da vida social nos principios christãos.

E', pois, enorme este dever; na sua grandeza e nas difficuldades que se lhe opoem precisamos de ver apenas estímulos para o trabalho e, de nenhum modo, razões de acanhamento ou desanimo.

Reduzem-se a pouca coisa, é verdade, os meios de que podemos dispôr; mas esse pouco é de um inexcedível valôr: — entrarmos na vida publica, preparando-nos convenientemente para lançar mão de todos os meios politicos legitimos, afim de nos collocarmos numa situação inexpugnável, donde possamos arrancar das mãos impiedosas que nos tem governado a direcção politica e os elementos que possuem.

E' a experiencia que nol-o ensina, quer revista as formas de uma profunda e lamentavel desgraça como a da França, produzida pela desunião dos catholicos, quer se traduza nas grandes conquistas do *centro* alemão e do governo catholico da Belgica, que têm como factor a destruição de rivalidades mesquinhas em proveito de uma fecunda e exemplar união.

Não precisavamos até de recorrer á experiencia da França para o reconhe-

cermos. Como muito bem disse o snr. D. Prior de Guimarães no seu discurso, temos já uma pathologia social e politica sufficiente para reconhecermos que genero de medicamentos precisamos.

Nesta ultima faze politica o paiz tem-se mostrado completamente alheio e apático ao rumo que levam as coisas publicas.

Na lei do descanso domínical manifestou-se um pouco, mas essa manifestação não teve valor algum, porque foi feita aos grupos que mutuamente se guerreavam, não chegando o *paiz* a compreender o alcance d'aquella lei.

E afinal, se bem repararmos, só os nacionalistas tem força para levar o paiz a uma manifestação clara e categorica em qualquer questão politica ou social.

Se não deduzissemos isto da nulla influencia que exercem os partidos, porque se desacreditaram perante os seus proprios correligionarios, como o provam os acordos dos centros provinciaes com o governo, apesar das quixotescas indicações dos chefes da capital, poderíamos concluir-o do grande respeito (grande relativamente ao seu trabalho) com que os nacionalistas são escutados por toda a gente, em virtude dos seus principios, do seu programa e, principalmente, d'algumas boas ações que já praticaram.

Para mover o paiz precisa-se de uma só condição: trabalho.

Na vida social como na da natureza, o movimento só provem da energia e a energia do trabalho.

E se quizessemos continuar o paralelo, facilmente compreenderíamos que o trabalho que não é synergico se torna inutil, quando os resultados que queremos obter provêm de factores multiplos e desiguais.

Eis por consequencia o modo como se deve trabalhar — unindo-se, organizando-se.

O congresso nacionalista de Braga afirma isto na segunda conclusão e nós vamos arquivar-a para lembrarmos a todos os nacionalistas que, se nenhum dos votos de um congresso deve ser considerado letra morta sob pena da completa inutilidade desse congresso, muito menos o deve ser um voto que imponha o primeiro dever politico que é a união

e o trabalho, sob pena da completa inutilidade não já do congresso, mas do partido. Eil-o:

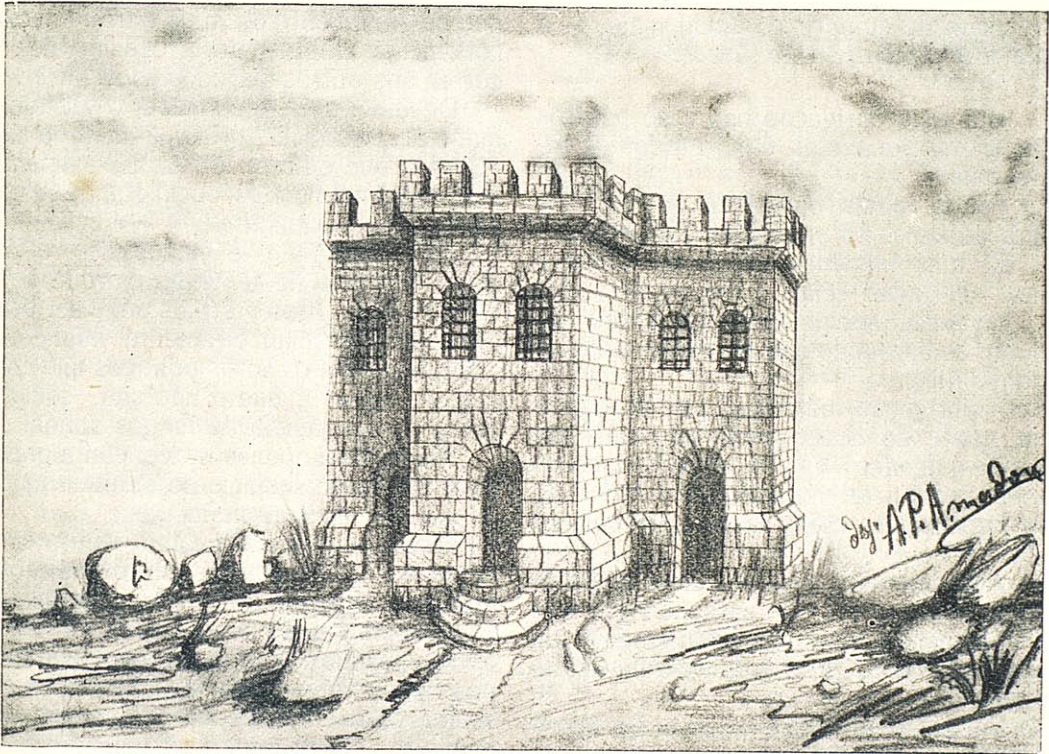
«O congresso afirma a necessidade de merecer particular cuidado dos nacionalistas a ação pratica do partido.

— a) quanto à propaganda dos seus ideais e principios, que deve ser extensa e intensa, disseminando-se por todo o paiz, com fervor e energia;

— b) quanto à organização partidaria, em ordem a constituir, effectiva e

se limitassem apenas a expôr os desejos do congresso relativos á organização, mas, deixando de parte tudo o mais, estudassem os meios praticos de a obter, tirando desse estudo as *principais* conclusões do congresso.

Podem-se estudar agora outros assuntos, mas o que é certo é que não se podem tirar desses estudos conclusões de caracter pratico, porque ainda não estamos no meio conveniente para isso. Ao contrario, para se tratar da organização nem ha



O ANTIGO CASTELLO DE CASTRO DAIRE

efficaz, força politica eleitoral, propria e autonoma;

— c) quanto à intervenção na vida social, que deve traduzir-se na fundação de escolas, e centros de educação e instrucção, de institutos de soccorros mutuos, de obras de caridade, de caixas economicas, e de outras instituições de beneficencia, de protecção e de amparo ás classes desvalidas.»

O que nós desejamos é que, sem se negarem a tratar nas sessões publicas os assuntos de alta importancia que se estudaram, as sessões particulares não

momento mais oportuno nem meio mais favoravel que o presente. Para organizar, só é preciso ter que organizar e meios para o fazer. E isso ha.

Falta muita coisa é verdade, mas não faltam homens com envergadura para apóstolos. E se elles se retraem e não vão prégar por esse paiz fóra, não é por falta de amor á causa, é apenas por falta de dinheiro e de auxilio.

E', por consequencia, uma das primeiras necessidades do partido — arrematar esses apóstolos, pagar-lhes a subsistencia e mandal-os prégar e organizar

pelo paiz o partido nacionalista. A este respeito temos um bom exemplo a imitar nos republicanos. Se neste momento ha uma relativa acalmção da parte d'elles não se attribua á sua inactividade, attribuem-na antes a um fim oculto que obedece talvez a uma tática mais racional... Veja-se a nova orientação dos seus jornais e como, explorando a agitação dos partidos monarchicos, elles vão tirando conclusões logicas que calam mais fundo no animo do pòvo.

E' isto o que todos os nacionalistas precisam de cumprir e, ainda mais, — o que *tem obrigação de fazer*.

Mas esta obrigação não é só para os que são nacionalistas, é para todos os catholicos.

Todos temos obrigação de nos unir para defender os principios christãos.

E' uma absoluta obrigação social e uma obrigação relativa de consciencia.

O dever social ficou já suficientemente comprovado nas reflexões que deixamos atraz.

A obrigação individual e de consciencia nasce do dever grave que cada um tem de defender a sua fé, quando atacada, e da propria lei natural que nos manda ser coerentes com as nossas convicções.

Não queremos com isto dizer que seja um *excomungado* um catholico que não é nacionalista. Isto é evidentemente um exagêro, muito principalmente na actual situação.

Porque é preciso que notemos que a politica não se converte com a religião, apesar de haver ideias religiosas e christãs que se *devem* fazer entrar na politica.

A dependencia da politica da religião é exactamente a mesma que a do Estado com relação á Igreja, isto é — indirecta, mantendo-se cada um na sua esfera de acção. De modo que no campo da *politica pura* cada um pode manter as suas ideias individuais. Se assim não fosse, seria interdito dar apoio a deputados de um partido liberal, como já se tem dado, mediante previos acordos, e como o estão dando os catholicos da Alemanha e da Belgica aos proprios socialistas, com a aprovação da Santa-Sé.

Além disso este dever social não entrou ainda — e infelizmente! — na consciencia de todos, em especial do clero, o que faz com que muitos se liguem aos partidos, *para poderem viver*.

E' claro que neste caso se deve verberar o procedimento de todos os que se não desligaram dos partidos e, mais que tudo, elucidal-os, sem que por isso se possa condenar cada um em particular.

E de que se não possa condenar individualmente não se segue que não se deva combater a orientação geral. Porque se *todos* entrassem no partido nacionalista, já ninguem teria ocasião de recorrer aos outros partidos *para viver*.

Deve-se, pois, reconhecer o sacrificio que é preciso fazer, principalmente o clero, para que entrem no partido nacionalista, enquanto *todos* ou a grande maioria lhe não pertença.

Este sacrificio é necessario e alguma vez tem de fazer-se, porque se a politica dos outros partidos pôde ser boa, economica e financeiramente falando, a sua religião ou os actos politicos que com ella se ligam é que o não são, como o prova a experiencia de longos annos.

Mas d'aqui apenas se conclui a gravidade do dever social e de nenhum modo a do dever de consciencia.

Creemos, porém, que isto vem provar ainda mais a necessidade de organização e de propaganda, afim de que o partido nacionalista possa impôr a sua força aos outros partidos e áquelles que, por uma pessima compreensão dos seus deveres sociais não se arregimentaram sob as suas bandeiras de liberdade, de patriotismo e de religião.

E' ainda d'aquelles principios que nasce a conclusão seguinte, abraçada desde ha muito pelos catholicos da Belgica e da Alemanha: é licito e conveniente admitir no partido e proteger um bom politico embora atheu e irreligioso, contanto que a sua ação se limite apenas ao governo e administração do paiz.

E' nisto que se fundam os que louvam os bons actos politicos de um governo atheu. Desde o momento que a politica não é a religião, aproveite-se a sua politica e deixem-se de parte as suas ideias religiosas, enquanto não ofendem as nossas. Salve-se a patria já que

se não pode fazer progredir a religião.

Tudo isto são ideias que devem presidir á organização do partido, porque a ser demasiado intransigentes ou demasiado meticulosos, corre-se o perigo de não fazer nada nem na organização nem nas lutas parlamentares e politicas.

Foi isto o que a experiencia ensinou aos catholicos alemães a ponto de poderem fazer hoje esta declaração: «ouve-se ainda dizer aos catholicos mal informados que o centro é um *partido catholico*. A verdade é que antes de 1870, chamou-se *partido catholico*; mas instruído pela experiencia dos inconvenientes graves de semelhante tendencia, modificou a sua attitude e o seu nome e chamou-se: o *centro*.» Compreenderam bem e dizem nos seus congressos o que nós acabamos de expôr, isto é, que «nas relações com o direito, a moralidade e a religião ha consequencias politicas, mas *nunca a religião se ocupa de politica*.» Daqui, a sua liberdade em obrar e a grande força que o *centro* adquiriu na Alemanha.

E, para concluirmos, notemos um facto que nos alentará no trabalho.

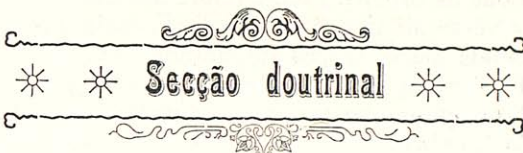
Apezar dos partidos liberais terem nas suas mãos o poder ha mais de 70 annos, é certo que são os nacionalistas que estão de posse do terreno. Comprovam-no dois factos: os enormes esforços (talvez inconscientes) que elles tem feito para deschristianizarem a nação por completo sem o terem podido obter, esforços que se pôdem equiparar aos que os catholicos alemães fazem com muito mais resultado para christianizarem a Alemanha; e a facilidade e entusiasmo com que se constituiu o partido Nacionalista quando se lançou a primeira ideia: — andava o franquismo ha mais tempo procurando elementos, sem os encontrar, e não os encontraria se não fosse ao poder; andam os dissidentes a estudar todos os modos de ganhar força e só tem um meio: juntar-se com qualquer partido; o partido republicano ha mais de trinta annos que tem vida e a sua influencia limita-se a pouco mais que ás cidades de Lisboa e Porto. Vêm os nacionalistas e em alguns poucos annos logram formar-se em partido independente,

com força para levarem á camara dois ou três deputados, se a eleição fosse leal. Que quer isto dizer?

Que o terreno é dos nacionalistas; que tem elementos de sobra para vencer.

Que lhes falta?

Trabalhar...



A Ordem Terceira e a Politica



QUALQUER que seja a comprehensão que hoje se tenha da politica não ha actualmente duas opiniões sobre o principio formulado por homens de toda a capacidade e até apoiado por personagens em evidencia na jerarquia ecclesiastica: *embora a politica não seja a religião, a religião tem consequencias na politica*. A politica nas suas multiplas manifestações tal qual hoje se faz ou é grande estorvo ás nativas tendencias da religião ou grande factor por onde ella realiza as mais bellas conquistas.

Sobre esta base apraz-nos vulgarisar algumas ideias, que reputamos muito oportunas a informar a consciencia pratica dos catholicos, mormente dos membros da Ordem Terceira de S. Francisco.

Bem que a ideia primaria que presidiu e determinou a génese da Ordem Terceira de S. Francisco não seja uma ideia politica, mas sim religiosa, todavia estudada ella nos seculos que a precederam bem como na sua historia contemporanea, não é facil deixar de convir que ao coração de S. Francisco tão generosamente aberto ás desgraças de seu tempo assaz influíam os desmandos politicos d'aquella epoca para os preterir na fundação de sua obra.

O quadro historico dos seculos que precederam o Santo fazem-nos, mau grado nosso, pensar nas tormentas do inferno dantesco. Os tumultos populares que diariamente inundam de sangue humano as praças publicas; a altanaria dos senhores barões que não querem render homenagem ás Communas nascentes; as heresias mais radicaes engendradas no mesmo seio da Igreja; as sciencias votadas ao desprezo;

as bellas-artes caídas no esquecimento; pompeante insolente e altivo por toda a parte o culto das paixões ruins; — eis uma pallida imagem d'aquella idade calamitosa.

Guelfos e Gibelinos são duas poderosas facções essencialmente politicas e que muito contribuíam para aumento do mal em todas as ordens. Para cumulo de desventura vê-se ainda a patria de S. Francisco invadida pelas tropas do grande adversario d'Italia Frederico Barbaroxa que á frente d'um numeroso exercito occupava a região da Lombardia. E' verdade que os italianos conhecendo seus intuitos invasores, esquecendo por momentos mutuas represalias e unidos no mesmo sentimento de patriotismo, reanimados pela voz autorizada de Alexandre III, voltam as armas da lucta fraticida contra o inimigo commum; juram em Pontida vencer ou morrer e dão junto a Legnano provas tão inequivocas de seu valor que por então ficou essa celebre batalha constituindo a linha divisoria da independencia d'Italia e da Igreja.

E' no meio d'este tumultuar d'ideias e paixões como do meio dos escombros de uma bella civilisação em ruinas que desponta toda a obra de S. Francisco. Obra providencialmente suggerida para remedio dos males de que enfermava a sociedade contemporanea não podia ser indifferente ao meio politico onde nasceu. A comprovavel-o era bastante o character do *Poverello*, gloria tão lididamente italiana que os seus conterraneos não duvidam chamar-lhe o mais italiano dos santos assim como o mais santo dos italianos. Espirito primoroso que levou seu patriotismo tão alto como sua fé, coração d'ouro sanctuario dos sentimentos mais sagrados entre os quaes sobresae o amor da patria, S. Francisco criou uma milicia peculiar, arregimentou um exercito voluntario para reconquistar sua patria para a ordem, paz e prosperidade publicas.

Este character politico, muito embora secundario na Ordem Terceira não passou despercebido ao Chanceller de Frederico II Pedro da Vinha quando no meado do seculo 13 sem dissimular sua admiração dizia ao Imperador: *a força d'esta liga é espantosa pelo numero, porquanto apenas ha quem já não pertença a esta fraternidade*. A Ordem Terceira era uma potencia consideravel, um estorvo irremovivel aos planos insidiosos de Frederico contra a S. Sé. Era

effectivamente n'esse tempo que Santa Rosa de Viterbo, uma das mais mimosas flores, geradas n'este jardim do divino amor, bem abastecida do espirito serafico que absorvera da Ordem Terceira, activava uma verdadeira guerra de morte ao trono revoltado contra o altar e se no seculo de Joanna d'Arc o scetro de S. Luiz não caiu nas garras de Inglaterra deve-o a França ao sentimento patriota da generosa e heroica bravura d'uma das mais illustres filhas de S. Francisco.

Os sequazes do Christo da Idade Media, zelosos continuadores e apóstolos de sua obra salvadora nunca se desinteressaram da prosperidade das nações no que respeita á sua parte material. S. Luiz rei d'um povo dos mais florescentes entrevia nas instituições franciscanas elementos tão fecundos da verdadeira prosperidade e real aperfeiçoamento da sociedade que costumava dizer ter pena de não poder partir o coração a meio para dar uma metade a S. Francisco e outra metade a S. Domingos. E' a S. Luiz e S. Boaventura que se deve em grande parte a Carta, que podiamos chamar Constitucional, e que garantia ás communas um regimen de liberdade real. Onde tudo o que concerne a eleições e poderes dos magistrados é inspirado na Ordem Terceira. Os nossos municipios saboream hoje tranquillos os fructos sazonados produzidos n'este terreno tão bem amanhado.

João Maria Vianney, o Veneravel Cura d'Ars, não hesitava affirmar que nos desígnios da Providencia a Ordem Terceira de S. Francisco estava destinada a salvar a sociedade civil e religiosa. Pio IX de saudosa memoria n'um breve á direcção dos Annaes Franciscanos dizia que tambem elle alimentava a fagueira esperança de vêr regenerada a nossa sociedade mediante a Ordem Terceira e Leão XIII consubstanciava n'uma formula tão brilhante quanto conceituosa todos os elogios merecidamente tributados á Ordem quando disse: *a minha reforma social está na Ordem Terceira de S. Francisco: ma réforme social á moi c'est le Tiers-Ordre de S. François*.

Ainda hoje Hellepute, actual ministro na presente situação belga e professor na Universidade de Louvain, não receia dizer que se não fôra a optima organização da Ordem Terceira de S. Francisco na Belgi-

ca nunca o partido catholico lograria aquella homogeneidade teorica e pratica que é o seu mais invejavel apanagio e mais segura garantia de seu porvír.

D'esta exposição, embora succinta, de ideias baseadas em factos reaes quem não deduz a imperiosa necessidade que a todos se impõe, mas mormente aos Terceiros, de oppôr uma forte resistencia politico-religiosa as tendencias politico-irreligiosas d'uns partidos avançados, que para ahi campeam num desrespeito estoico a tudo quanto ha de mais sagrado, attentando contra a liberdade de que se dizem apóstolos e contra a realza da Igreja de quem, por ironia, se dizem filhos submissos?

Por tudo isto e por tudo o mais que havia que dizer urge que todos os catholicos despertem e n'um impulso unanime e generoso se lancem á lucta e quer pelo voto, quer pela propaganda catholica vão reconquistando para a patria uma força social e politica que seja a garantia segura do triumpho da liberdade e da fé.

Assim não terão a lamentar os males que em França tanto fazem gemer os catholicos, a quem M. Allard n'um discurso monumental pronunciado no parlamento, zombeteava d'este modo: *elles (os catholicos) não sabem senão chorar e ir ao casino.* Esta censura por ser amarga não deixaria de ser verdadeira para os catholicos portuguezes.

Sabem prantear os seus males mas não sabem fazer sacrificios para os remediar. Já se disse muitas vezes que se elles empregassem na defesa dos interesses da sua religião a decima parte dos recursos que expendem em passatempos, já de ha muito que a Patria seria mais feliz e a Igreja mais soberana.

A. ARAUJO.

TERÇOS DA BELGICA

Estes terços que até ha pouco eram tão raros e tão difficéis de adquirir, tornam-se hoje communissimos, devido á facilidade com que todos os sacerdotes podem obter a facultade de lhes applicar as indulgencias chamadas vulgarmente da Belgica, por ser d'essa região que nos vinha o maior numero d'elles.

Leão x em 1516 concedeu a todos os fieis, que rezassem o terço bento pelo Mestre Geral dos Religiosos Cruciferos, 500 dias de indulgen-

cia por cada Ave Maria ou Padre Nosso. Gregorio xvi e Pio ix, em rescriptos passados pela S. C. da Propaganda estenderam ao predicto Mestre Geral a facultade de delegar nos conegos da mesma Ordem e a graça de applicar aos defunctos as mesmas indulgencias.

Leão xiii não julgou conveniente estender esta facultade a outros sacerdotes, porem confirmou todas as graças, que tinham sido concedidas pelos seus antecessores por decreto da S. Congregação das Indulgencias de 14 de março de 1888.

Foi só nos fins de 1906 que S. S. Pio x julgou dever conceder á S. Congregação das Indulgencias e Sagradas Reliquias a facultade de delegar noutros sacerdotes o poder de benzer os rosarios com as indulgencias, que até então só os Padres Cruciferos podiam applicar exclusivamente. Esta mesma facultade fôra tambem concedida á S. C. da Propaganda para os missionarios seus subditos.

Em audiencia de 12 de junho do corrente anno declarou Sua Santidade que até á data da pergunta feita á S. C. das Indulgencias não se accumulavam as indulgencias do rosario crucifero com as indulgencias do rosario dos Dominicanos, nem com as concedidas a outras praticas, que tem annexa a recitação do Padre Nosso e Ave Maria; porem na mesma audiencia o Papa concedeu que com uma reza do terço se podessem ganhar as indulgencias ditas da Belgica e as do rosario dominicano.

As indulgencias concedidas a estes rosarios são extraordinarias. Por cada Padre Nosso ou Ave Maria que por elles se reze, ganham-se 500 dias de indulgencia. Para isto não é preciso rezar o rosario, nem mesmo uma dezena, nem meditar, basta que se tenha o rosario na mão. Recitando porem o terço pelo rosario assim bento, ganham-se alem d'estas todas as indulgencias concedidas aos terços de S. Domingos; porem devem estes terços alem da benção, dita da Belgica, ser indulgenciados por um sacerdote que tenha facultade para benzer rosarios concedida pelo Geral dos Dominicanos. Alem d'estas condições requer-se ainda para accumular as indulgencias que tenha o terço na mão, ao menos uma das pessoas quando são muitas que rezam, e que se meditem os mysterios segundo a capacidade de cada um.

As indulgencias proprias do terço de S. Domingos, independentes da inscripção na Confraria do rosario, todas applicaveis ás almas do Purgatorio são: 1.º cinco annos e cinco quarentenas todas as vezes que se reze o terço, inda que não se use d'este; 2.º cem dias por cada Padre-Nosso e Ave-Maria. 3.º dez annos e dez quarentenas rezando-o em companhia de outras pessoas. 4.º indulgencia plenaria uma vez por anno, aos que o rezarem todos os dias. 5.º indulgencia plenaria no ultimo domingo de cada mês, aos que o rezarem ao menos tres vezes cada semana. 6.º indulgencia plenaria uma vez por dia aos confrades do Santo Rosario, que confessando-se e commungando visitarem alguma igreja ou capella publica, rezando o rosario inteiro (tres terços) pelo triumpho da Santa Madre Igreja catholica. (*Vejam-se as resoluções das Congregações romanas*).

Para ganhar as indulgencias proprias dos

terços da Belgica é preciso 1.º que estes terços hajam sido bentos por um sacerdote crúcio, ou por outro que tenha obtido faculdade da S. Congregação das Indulgencias e de *consensu Ordinarii loci in quo haec facultas exercetur*. 2.º que tenham a fórma dos terços de S. Domingos, e 3.º que o tenha na mão ao menos uma das pessoas que rezam.

Não pertencem á essencia do terço as cruces e medalhas, nem a forma de ligação das contas entre si. A benção dos terços não inclue a benção das medalhas ou cruces, que lhe estam anexas, para as quaes se requer intenção especial. Ha varios sacerdotes que alem da faculdade de benzer os terços da Belgica tem tambem a de applicar outras indulgencias, como são as apostolicas, as de S. Brigida e as do rosario de S. Domingos, que sendo distinctas entre si, não se podem ganhar cumulativamente, salvo as da Belgica e do rosario de S. Domingos.

Por ultimo co vem notar que é prohibida a compra e venda de rosarios já bentos, cuja venda anula as indulgencias. Não é porem prohibido pedir a um negociante de objectos piedosos para lhe comprar medalhas e rosarios bentos, o negociante pode-os mandar indulgenciar e exigir o custo d'elles, sem perda das indulgencias, porque neste caso a compra e venda dos objectos é anterior á sua benção. Eis aqui uma resolução official sobre este ponto; perguntava-se: 1.º Perderão as indulgencias as cruces e corôas, etc., se o comprador encarrega o vendedor de as mandar benzer, pagando-lhe o custo e as despezas da transmissão, na ocasião em que lhe forem entregues? E caso a resposta seja negativa, perderão as indulgencias as cruces, corôas, etc., se prevendo que devem ter grande procura como por ocasião de grande concurso de fieis, o vendedor procura benze-las com antecedencia para os que as pedem e pagam o seu custo?

A S. Congregação das Indulgencias e Sagra- das Reliquias respondeu em 10 de julho de 1896.

A' primeira, *negativamente*.

A' segunda, *afirmativamente*.

P. I. N.

Resoluções das Congregações Romanas

Da S. Congregação dos Ritos

1 — *A'cerca da distribuição da SS. Eucaristia nos oratórios privados.*

O Nosso Santissimo Padre, o Papa Pio x na audiencia concedida ao Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Seraphim Cretoni, Prefeito da S. C. dos Ritos, no dia 8 de maio de 1907, houve por bem determinar e declarar, que nos Indultos de Oratorio privado, está tambem incluída, a faculdade de se poder distribuir a Sagrada Communhão a todos os fieis que assistirem ao Santo Sacrificio da

Missa; salvos os direitos parochiais. Não obstante qualquer disposição em contrario.

Da Secretaria da S. C. dos Ritos, 8 de maio de 1907.

† D. PANICI, ARCEB. LAOD., *Secret.*

11 — *Da incensação que se há-de fazer na exposição do SS. Sacramento.*

Derthon.

O actual Calendarista da diocese de Derthon., com o consentimento do seu Rev.^{mo} Bispo, pediu humildemente á Sagrada C. dos Ritos a solução das duvidas seguintes:

1.^a — Quando se expõe o SS. Sacramento para dar a benção, quantas vezes se ha-de incensar?

2.^a — Quando o SS. Sacramento permanece exposto desde manhã até Vespers, o Celebrante quando chega com os ministros ao altar da exposição, depois de feita a devida reverencia e antes que se cante alguma coisa, deve fazer a incensação?

A S. C. dos Ritos, pedindo o parecer da Comissão litúrgica, determinou responder á apresentação do Secretario abaixo assinado:

A' 1.^a — Segundo a resposta dada no dia 14 de maio de 1907 no *Pinerolien.*, a saber: que «para a exposição na Pyxide não se requiere incensação. Quando, porem, a exposição se faz na Custodia, requiere-se uma dupla incensação, a primeira depois de exposto o SS. Sacramento, antes que se principiem as preces, a segunda á estrophe *Genitori*, ainda que entre a exposição e o *Tantum ergo* se não façam preces algumas»; e esta é a praxe das Egrejas de Roma.

A' 2.^a — *Negativamente*.

E assim determinou, no dia 5 de julho de 1907.

S. CARD. CRETONI, *Pref.*

† D. PANICI, ARCEB. LAOD., *Secret.*

Da S. Congregação das Indulgencias

Indulgencia plenaria concedida aos Irmãos do SS. Rosario.

Santissimo Padre:

Fr. M. Henrique Desqueyrous, Procurador geral da Ordem dos Prégadores, pros-

trado aos pés de V. S., humildemente declara que em diversas regiões, principalmente na Allemanha, se introduziu entre os confrades do SS.^{mo} Rosario o piedoso costume de o recitar todo pelo triumpho da Santa Madre Egreja, e que para isto muitos deram o seu nome, com o fim de testemunharem uma devoção mais particular á S. Sé Apostolica e ao Romano Pontifice.

Este humilimo servo pede, portanto, se digne Vossa Santidade conceder, que todos aquelles Confrades do SS. Rosario que havendo-se confessado e commungado recitarem segundo a predicta intenção, o Rosario inteiro, mesmo separadamente, durante um dia natural e visitarem alguma egreja ou capella pública, possam lucrar uma vez por dia, uma indulgencia plenaria, applicavel pelos defuntos.

E Deus etc.

O SS. P. Pio x, na audiencia do dia 12 de junho de 1907 concedida ao abaixo assinado Card. Pref. da S. C. das Indulgencias e Sagradas Reliquias benignamente anuiu ao que lhe pediam com valor para sempre sem nenhuma expedição de Breve. Não obstante qualquer disposição em contrario.

Dado em Roma, na Secretaria da mesma S. C., no dia 12 de junho de 1907.

L. ✠ S.

S. CARD. CRETONI, *Pref.*

† D. PANICI, ARCEB. LAOD., *Secret.*



☼ ☼ Secção historica ☼ ☼

S. FRANCISCO NA PENINSULA

DEPOIS da viagem a Portugal, a critica apaixonada de muitos autores continúa multiplicando extraordinariamente as fundações erigidas por S. Francisco.

Queremos dar o gosto aos leitores de apreciarem a lista das fundações que lhe são attribuidas em toda a Peninsula. São quasi tantas como as cidades por onde passou.

E' contar: Barcelona, Burgos, Logroño, Vitoria, San Sebastian, Corunha, Oviedo, Ribadeo, Guimarães, Ciudad-Rodrigo, Robledillo, Gata, Arevalo, Avila, Madrid, Toledo, Aillon, Valladolid, Soria, Tudela, Pamplona, Sanguesa, Lerida, Gerona e muitas mais ainda.

Parece-nos muito trabalho em muito pouco tempo, e nisto vamos d'acordo com os editores dos *Analecta Franciscana* de Quaracchi que escreveram: «a asserção dos escriptores posteriores que attribuem a S. Francisco um tão grande numero de fundações durante tão curto espaço de tempo, parece-nos incrivel (1).»

E tambem onde iria o santo Patriarcha buscar o pessoal necessario para tantos conventos? Seria necessario que trouxesse de Italia um verdadeiro exercito de frades.

E admittindo que já os tivesse nesse tempo em tão grande numero, como os poderia sustentar durante o caminho?

Sem duvida que trouxe com Fr. Bernardo de Quintavalle alguns religiosos, *quosdam Fratres* dizem os *Actus B. Francisci*, mas as difficuldades da expedição não nos deixam crêr que o grupo fosse numeroso.

Por outro lado, qualquer que seja o poder de inspiração que se attribua a S. Francisco, é difficil de crêr que elle entregasse os conventos aos novos recrutados que alistava durante a sua viagem. Este metodo nem é prudente nem pratico. Se bem que os santos não se governam pelas luzes ordinarias e Deus dá origem ás familias religiosas por graças especiaes, ha contudo certas regras de que não se afasta habitualmente, mesmo nestas circumstancias.

As tradições por sua parte apezar da abundancia dos seus pormenores, nada dizem neste sentido, nem falam de muitas conversões, nem duma geração espontanea e milagrosa de Frades Menores sobre o solo de Espanha.

Um só facto poderiam allegar, mas é controvertido.

Diz-se que João Parente, o primeiro commissario que S. Francisco mandou á Hespanha, ainda que italiano de nascimento exercia em Castella o officio de juiz, quando sentiu a vocação religiosa, e que foi o primeiro professo de Burgos.

(1) T. III, p. 9. Nota.

De facto João Parente nasceu em Carmignano, perto de Pistoia, e exercia em Citta Castellana as suas funcções de magistrado, quando ouviu a voz de Deus que o chamou ao claustro. Consta que um por-queiro não conseguindo fazer entrar os seus animaes no estabulo, os impulsionára com esta expressão: vamos, entrae como os juizes entram no inferno. E os animaes entraram logo precipitadamente.

Este facto, a que se attribue a vocação de João Parente, succedeu *in civitate Castellana*. Os autores hespanhoes, ignorando a existencia duma cidade deste nome na Toscana, traduziram: numa cidade de Castella, e como João Parente veiu á Hespanha, criaram a lenda do primeiro professo de Burgos.

Segundo as chronicas locais S. Francisco deixou em Burgos, como já vimos, Fr. Lupo; em Pamplona, ou num outro convento de Navarra, Fr. Aldeario; em Barcelona, Fr. Illuminado e Fr. Pedro de Cede; em Corunha, um frade desconhecido, cujo sepulcro tinha esta simples inscripção: *Ossa sancti Fratris hic condita sunt*; em Oviedo Fr. Pedro Compadre; em Ribadouro outro frade, cujo epitaphio não diz o nome.

Qual é o valor destas tradições e até que ponto próvam ellas que S. Francisco tivesse designado e mandado estes Frades, durante a sua viagem pela Hespanha?

Lembramo-nos ainda da fundação de Barcelona, com a simplicidade e a naturalidade dos seus incidentes. Deve de ser assim o modo ordinario de muitas das fundações desta epoca primitiva. Francisco apparecia e prégava; as povoações avidas de o ouvir e não podendo tê-lo sempre consigo, queriam ao menos consolar-se com a presença dos seus filhos, e o convento estava fundado em principio.

Não se poderá explicar assim a multiplicidade destas fundações hespanholas?

Eis finalmente algumas linhas da Chronica dos xxiv Geraes, que vão talvez dar-nos a chave do enigma.

«No anno de 1207 Francisco enviou um grande numero de seus frades á Hespanha. Estes Frades foram até Portugal, mas o pòvo vendo-os vestidos dum habito singular e falando uma lingua estrangeira, teve-os por herejes e recebeu-os muito mal.» Os Frades foram pedir apoio á rai-

nha Urraca e com o seu auxilio poderam estabelecer-se em Lisboa e em Guimarães.

Ora Guimarães é precisamente uma das cidades por onde passou S. Francisco depois da sua peregrinação a Santiago e onde se diz haver um convento fundado por elle.

Cá estamos portanto em presença duma fundação attribuida ao santo Patriarcha, que se realisou três ou quatro annos depois da sua passagem e pelos Frades que enviou á Peninsula.

Todavia as duas asserções pôdem ser verdadeiras se admitirmos o que dissemos atraz. S. Francisco aceitou a fundação em 1214, e os seus Frades levaram-na a cabo em 1217.

Applicando esta hypothese aos outros conventos da Peninsula, sahimos duma difficuldade que doutro modo seria inexplicavel. E nada nos impede de admittir que a maior parte dos conventos cuja fundação é attribuida a S. Francisco sejam obra dos seus primeiros discipulos; não do Bemaventurado Gil, que se diz ter vindo a Santiago um anno antes do Santo Patriarcha, porque nesse tempo, *cum adhuc non essent capta loca*, a Ordem não tinha alumnos senão em Assis, mas por outras duas caravanas que vieram á Hespanha ainda em vida de S. Francisco, a primeira em 1217 sob o governo de Fr. Bernardo de Quintavalle, a segunda em 1219 quando João Parente foi enviado pelo santo Fundador como commissario geral de toda a Peninsula.

*

Só nos resta agora acompanhar o Santo no seu regresso á Italia. Desta vez parece que passou pela França, onde se encontram alguns vestigios, não só em Perpignan mas até em Montpellier onde predisse que o hospital em que prégava viria a ser um dos seus conventos (1).

A prophesia cumpriu-se com effeito em 1220, quando se começou a levantar os muros, e melhor ainda em 1230, quando as liberalidades do rei Thiago d'Aragão permittiram aos Frades Menores ter um convento mais vasto.

O breviario de Montpellier menciona tambem a passagem de S. Francisco em

(1) Chronica dos xxiv Geraes.

Lunel onde dizem que foi recebido pelo barão Raimundo Gausselin. Foi em recordação desta hospitalidade dada ao Santo Patriarcha que se concedeu ao neto do barão, depois Beato Gerardo, o privilegio de tomar aos cinco annos o habito da Ordem Terceira, que illustrou pela santidade da sua vida.

Nesta viagem de regresso os chronistas apontaram dois episodios em que se revela admiravelmente o lado tão humano da santidade de Francisco.

Uma pequena capella, sempre venerada, consagra em S. Celoni na Catalunha a recordação do primeiro.

Só o seu nome é uma lembrança: *San Francesch s'y moria*.

Sob os raios dum sol abrasador, o santo succumbiu no caminho á fadiga e á sêde que o atormentava. Para refrescar os seus labios e dar-lhe algumas forças, Bernardo de Quintavalle, vendo alguns cachos já maduros numa vinha proxima, supoz a licença do dono, que não estava presente e foi com confiança cortar um para offerecer ao seu pai, quasi moribundo.

Mas um creado de maus figados, que viu, correu atraz d'elle como atraz dum ladrão, e deixando-se levar duma violenta colera, cobriu de injurias os dois servos de Deus, foi mesmo até os ameaçar e tomando o manto do santo porfiava em ficar com elle á guisa de recompensa.

Mas o pobre enfermo necessitava do manto para se cobrir. Com a maior doçura apresentou-lhe a legitimidade do acto que praticára o seu companheiro num caso de evidente necessidade, a caridade que podia fazer aliviando um viajante e acalmado-lhe a sêde, e a injustiça que fazia pagando-se tão caro dum pequeno cacho d'uvas.

O creado não deu ouvidos ás razões do santo, e os dois viajantes viram-se obrigados a recorrer ao proprietario da vinha, que mais intelligente e caritativo que o seu creado, fez-lhe restituir o manto roubado e offereceu ao santo tudo o que podesse desear das suas propriedades.

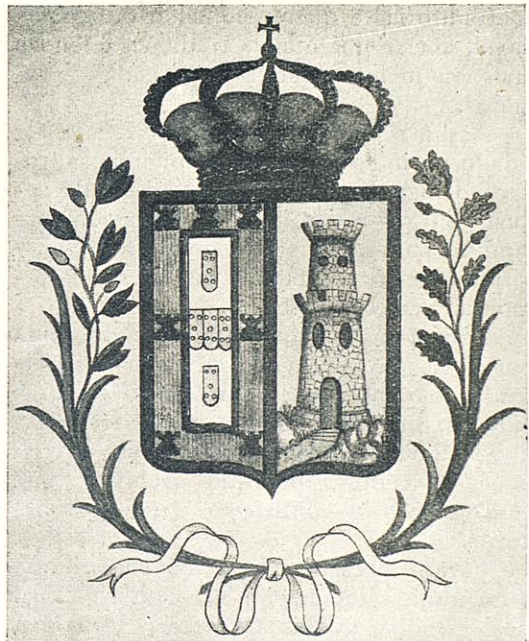
O segundo factó é narrado por Thomaz de Celano.

«A fome e o cansaço mangravam a vida de Francisco — diz o *Tractatus Miraculorum* — e os maus tratos dum hospedeiro deshumano tinham-no reduzido a um tal estado que, havia tres dias, não falava.

Tendo emfim recobrado algumas forças proseguiu a viagem e um dia como sentisse appetite e vontade de comer uma ave, manifestou o seu desejo a Fr. Bernardo. Não bem tinha acabado de falar, appareceu no campo um cavalleiro que trazia uma ave excellente.

— Servo de Deus — disse o recovindo ao doente — tomae este manjar que vos envia a divina Providencia.

Francisco acceitou a dadiva com grande alegria e comprehendo que Jesus Christo tivéra tanto cuidado d'elle, louvou-o por todas as coisas.»



CASTRO DAIRE — ARMAS DA VILLA

Vadingo sem indicar o logar, dá-lhe por theatro a França. Celano parece tambem insinual-o começando assim a narração: *De Hispania regrediens Sanctus Franciscus*. Não sabemos se alguma tradição local supre o silencio dos historiadores, mas isto nos basta para nos alegrarmos com a lembrança do santo Patriarcha por terras de França e com a generosidade do cavalleiro francês.

A Hespanha recolheu tambem o santo dum modo captivante, e não cessou de prodigalizar a seus filhos signaes da sua sympathia e dedicação.

Neste reino a Ordem de S. Francisco

foi sempre muito popular e intimamente ligada com a historia do paiz. Ainda hoje, apesar das vicissitudes e revoluções, é das mais florescentes e activas.

A benção do Santo Patriarcha produz os seus frutos e mantem viva atravez dos seculos a obra que elle mesmo consagrou com as suas fadigas e os seus suores.

Crêmos têr provado o factó da viagem de S. Francisco que nenhum historiador pôde negar.

Procuramos armonisar as diversas hypotheses expendidas até hoje com a critica imparcial da historia. Foi-nos necessario portanto, sob pena de admittir verdades contraditorias e querer conciliar o inconciliavel, cortar por muitas tradições e lendas mais ou menos poeticas mas nada verdadeiras.

Assim rejeitando firmemente toda a falsidade ou inverosimilhança, pudémos provar ao menos para três conventos, Barcelona, Burgos e Santiago, e provavelmente tambem para um quarto, o de Logroño, a legitimidade das pretensões que as fazem remontar a S. Francisco.

Fômos muito prolixos e comtudo ainda nos ficou que escrever. Outros mais eruditos, que conhecemos em Madrid e outras cidades, encontrarão depois de nós mais novos documentos, monumentos, inscrições e manuscriptos de archivos, que esclarecerão os pontos que deixamos obscuros.

Farão talvez modificar conclusões que seria muito temerario, no estado actual dos estudos franciscanos em Hespanha, dar como difinitivas.

Todavia temos uma consolação. Embora não lhes dessemos o fio conductor para se guiarem atravez dum labyrintho tão pouco explorado, provocamos ao menos o seu ardor e o seu zelo entusiasta.

Estamos satisfeitos.

P. E. M. DE BEAULIEU.

PENSAMENTOS

Temo a Deus, e depois de Deus temo aqueles que o não temem.

SARRIA.

*

Está provado pela experiencia que o melhor meio educativo da mocidade é a frequencia dos

sacramentos da confissão e communhão. Escolhei um menino que os frequente, e ve-lo-eis crescendo na mocidade, chegar á idade viril e alcançar a velhice sempre como um vivo e salutar exemplo para todos.

D. Bosco.

*

Os bons e os maus vivem promiscuamente no mesmo planeta, os bons para que fiquem melhores e os maus para que fiquem bons.

VIEIRA.

ANECDOTAS

— O leite com que se amamentam as crianças deve influir na maneira de ser dos homens.

— Isso decerto! Tenho a certeza, meu amigo, de que ao senhor lhe deram leite de burra.

*

— Então já de volta das praias?

— E' verdade, meu amigo. Achei aquillo salgado demais.

— O ar do mar?

— Nada! As contas do hotel.

*

Uma esposa «seculo XX»:

— Henrique, aqui, no retrato, faltam-te todos os botões do casaco!

— Ora, até que enfim! Deus seja louvado! Foi preciso tirar o retrato para veres que o casaco não tinha botões...

*

Regressando da praia:

— Diga-me cá, Maria, houve alguma novidade durante a minha ausencia?

— Houve, sim, meu senhor. Não veio ninguém receber contas.



QUADROS

(Acomodação do hispanhol)



A popular cidade de M. havia naquella noite uma reunião, a que assistia a flôr da aristocracia portugêsa. Tratava-se d'uma obra patriótica, e caritativa que as Senhoras tinham tomado a peito, e que não podia deixar de ter bom resultado. E teve-o.

Como porem succede em todas as reuniões femininas, depois de exgotado o assumpto principal, a conversação degenerou para o que mais lhes está no coração e entre uma ou outra tesourada *innocente* na vida do proximo, falou-se de modas, de perfumes, de amizades, de visitas, de passeios, de politica e até de formosura. A conversa tinha-se generalisado e á parte uma ou outra pequena discordancia, todas opinavam o mesmo. Havia porem entre ellas uma que parecia ter em si encarnado o espirito de contradição, encontrando em tudo reparos e manifestando em tudo opinião contraria ás suas illustres collegas. Ouçamos algo da conversa :

— Que bonito chapéu, tem a Marquesa de. .! Coisa mais bonita nunca vi!... E' a ultima novidade! Reparae como lhe fica bem! Que delicadeza de flôres; que bello passarinho, parece mesmo que está vivo... e estas penas de avestruz!... Que perfeição, que formosura!...

— Não ha coisa igual a um lindo chapéu, dizia outra. Dá-nos graça e embelleza-nos.

— E' verdade que algumas vezes torna-se um pouco encommodo, mas não importa, é uma moda tão bonita, tão bella, tão...

— E depois serve sempre. O chapéu é para todos os logares, para o passeio, para o theatro, para a visita e até para a igreja... não lhe parece Rosinha?

Estas palavras foram dirigidas a uma Senhora dos seus quarenta annos, que até então se tinha conservado silenciosa.

— Não me parece nada, respondeu a interpellada.

— V. Ex.^a tambem deve ter a sua opinião, e nós teremos sumo gosto em a ouvir.

— Pois bem: direi o que sinto, inda que tenha de ir de encontro ao sentir de V. Ex.^{as} todas.

— Ora essa! cada um é livre em expôr as suas idéias.

— Então devo declarar que não sou partidaria do chapéu: primeiro porque é uma importação extranjeira, e eu sou portuguesa, depois porque não temos necessidade nenhuma d'elle.

-- Então havemos de andar sempre em cabelo? aposto que quereria que fossemos em cabelo para o theatro e para a Igreja.

— Para o theatro não é preciso o cha-

peu, porque nunca lá devemos ir; para a igreja temos a mantilha.

— Não faltava mais que andarmos sempre carregadas com a mantilha!...

— E então? Não andam sempre carregadas com o chapéu? Não quero dizer que não se deve nunca trazer chapéu, porque nos tornaríamos ridiculas, mas sim que só o devemos usar quando as circunstancias assim o exijam.

— E não poderá V. Ex.^a dizer quaes são essas circunstancias?

— O passeio, as visitas, porem nunca a igreja. Para o templo está muito bem a mantilha, de que se não envergonhavam tantas nobres senhoras portuguezas. Não posso vêr sem vergonha, que para a igreja se leve o chapéu que inda na noite anterior luziu no theatro; porem para muitas pessoas o templo de Deus merece menos respeito e attenção do que o mesmo theatro.

— Ah! D. Rosa, D. Rosa! que não sei quando ha de acabar com essas *beatices*, que já passaram de moda.

*

— Foste hontem ao passeio?

— Pudera!

— Não viste D. Amelia? Que linda que estava! E D. Conceição? Que belleza de chapéu o della! E o anel de brilhantes de D. Maria? E a *bôa* de D. Julia? E' a ultima novidade. E a cadellinha de D. Florinda, que mimo! Quem me déra uma assim!.. Fixa-te amanhã, porque espero que tambem não faltarás ..

— De certo que não. Pois se é ali que se luzem as ultimas novidades da moda, onde mais se aprende, e onde se travam relações com a mais alta e distincta sociedade!...

— E V. Ex.^a D. Rosa, não faltarás lá tambem?

— Eu não posso ir.

— Porque?

— Porque tenho outro passeio mais bello e mais encantador.

— E não se poderá saber onde é?

— Pode. Depois de jantar vou á igreja do Carmo, onde ha exposição, para passar alguns instantes com Jesus sacramentado e pedir-lhe perdão para os ingratos. Logo irei ao Hospital visitar os doentes, e entreter-me um pouco com as Irmãs, indo em

seguida visitar uma pobre viuva com cinco filhos, que sustento com o que durante a semana poupo em essencias e aromas; por que posso muito bem passar sem ellas e elles não podem viver sem comer; e é-me muito mais agradável ouvir os agradecimentos daquelles innocentes, do que escutar dos labios dos transeuntes «*que bello aroma despede esta senhora*».

— Tem cada saida esta D. Rosa, que é da gente ficar pasmada!

— E' *beata* e basta.

*

— Quereis saber? No domingo são as eleições para deputados. O meu papá é candidato por *Valhavouto*, onde tem muita preponderancia, tendo saído sempre eleito.

— Parece que este anno tambem apresenta a sua candidatura por esse circulo o Snr. Gualberto Gusmão...

— E' verdade, porem o meu papá não o teme, porque ali devem-lhe muitos favores.

— Tem então conseguido muitos melhoramentos a favor d'esse circulo?

— Melhoramentos... não fez nenhuns. Mas tem promettido muito: estradas, pontes, concluir a igreja, e fazer uma capella á sua custa, etc.

— Meu primo tambem apresenta a sua candidatura por *Valle de Ladrões*; é a primeira vez que se mette a politico. Diz que este é o meio de arranjar dinheiro, porem não sei se conseguirá vencer.

— E teu papá a que partido pertence?

— Que pergunta! Desde que promette concluir a igreja, já podes comprehender que é catholico.

— Sim, sim, regenerador hein? Ou o que é o mesmo conservador.

— E teu primo, que é?

— Diz elle que é liberal.

— Liberal! Livre-me Deus dos liberaes; são tão maus!

— Isso sim; é a politica mais sensata que ha hoje em Portugal.

— Eu julgava que o liberalismo era inimigo da Igreja.

— E pensavas muito bem, disse D. Rosa; mas não são melhores, os conservadores, progressistas, dissidentes, franquistas e republicanos. Ha só uma differença é que uns perseguem a Igreja a cara descoberta,

e os outros solapadamente, dizendo-se catholicos pelo cerebro e coração. Eu pouco entendo de politica, nem quero entender, porque a considero impropria da mulher.

— Que quer entender então?

— Que quero entender?!... Remendar, fazer meia, bordar, ter a casa limpa, educar bem a familia, cosinhar, ser bôa christan, ler livros de piedade e não malbaratar o tempo em vaidades e frioleiras.

— Parece-me que D. Rosa daria um bom prégador de quaesma. Mas não; é o gosto de nos contrariar.

— Não digo mais do que o que sinto, e inda não é tudo.

— E' preciso que se convença, D. Rosa, de que exagera muito; a mulher não nasceu para andar sempre pelas igrejas, hospitaes e casas de viuvias, isso é para quem não tem mais em que se entreter e perder o juizo.

— Isso dizem os loucos dos outros, apesar de terem a cabeça desequilibrada.

— Nós então é que somos as loucas?

— Não digo tanto, porem nessa vida toda entregue a vaidades e exigencias do mundo, ha bem pouco juizo christio.

P. I. N.

INSECTOS

XXXIV

AS MOSCAS

(Conclusão)

Vimos no numero precedente os caracteres, habitos e costumes mais geraes das moscas. O exame d'algumas especies em particular dar-nos-á um espectáculo não menos curioso e interessante.

A mosca varejeira. Esta especie é muito prejudicial pelo costume que tem de depositar os ovos na carne, onde as larvas se desenvolvem rapidamente, minando-a e estragando-a em pouco tempo. E' d'uma fecundidade extraordinaria, e onde quer que seu olfato subtilissimo lhe annuncia carne fresca, nos talhos, nas casas ou no campo, aí apparece ella, não só para saciar sua voracidade, mas sobretudo para fazer a postura e inficionar tudo.

E' ordinariamente confundida com outra especie mais perniciosa ainda:

A sarcophaga carnivora. Esta distingue-se da precedente por varios signaes caracteristicos. E' de côr pardo-acinzentada, com algumas riscas negras e reflexos amarellos. O abdomen é acastanhado, um pouco comprido e de forma oval, e coberto de muitas e grandes sedas.

E' solitaria e de costumes selvagens. Vive ao ar livre nos matos, nos campos e á beira das estradas e carreiros onde se posta como um saltador arduo e atrevido.

Tem um fero muito subtil e apurado, e descobre a grande distancia os cadaveres de animaes que se encontram espalhados pelos campos. Assalta tambem os animaes, para se cevar em suas feridas, e procura todas as substancias em decomposição para nellas depositar a prole.

Esta nasce já no estado de larva, em forma de pequenissimas lagartas brancas, curtas e grossas. E' pois vivipara a *sarcophaga carnivora*, e tão fecunda que chega a ter para cima de vinte mil individuos em cada ovario, que vai depositando durante todo o verão em todas as carnes mortas e materias corrompidas. Esse formigueiro de gusanos hediondos e pardacentos que fervilham e se revolvem nas carnes decompostas de animaes mortos, não são outra cousa que enorme multidão de larvas da *sarcophaga carnivora*, mais ou menos desenvolvidas.

Não chegam porem todos a sua ultima phase, ao estado de insecto perfeito, porque mil contratempos os vão dizimando continuamente. Muitas aves, reptis e insectos, procuram-nos em toda a parte e devoram-nos aos milhares. As inclemencias do tempo tambem concorrem para diminuir seu numero.

Chegados a seu completo desenvolvimento larvario e fartos já de minar e de se sevar nas immundicies em que foram collocados pela solidude das mães, cavam uma galeria mais ou menos perpendicular debaixo da meza de seu hediondo banquete e enterram-se pela terra dentro. Depois metamorphoseam-se transformando-se em nympha e aí permanecem em profundo letargo durante a estação fria.

Com a chegada da primavera, ou mais tarde ainda, reanimam todas, soffrem sua ultima metamorphose e convertem-se em insecto perfeito, nas moscas varejeiras do povo, saem de seus esconderijos e correm como as hyenas em busca da immundicie e da podridão.

*

A mosca domestica é a mais notavel pelo seu numero verdadeiramente prodigioso, sobretudo no verão e outomno, e pela assidua e importuna companhia que faz ao homem. No outomno é que ellas apparecem em verdadeiras pragas, e tão ruins, atrevidas e teimosas que se tornam um tormento insuportavel. Se ellas tentaram roubar a paciencia a um homem é inutil lutar com esta raça de *Belzebut*. Se se enchotam da testa vão para o nariz, se do nariz vão para as faces, se das faces vão para o pescoço, se do pescoço vão para os olhos, se dos olhos vão para as mãos, se destas vão outra vez para a testa, e enquanto não forem esmagadas e quem se atreverá a esmagar um bichinho tão immundo?

Os sitios mais frequentados destes insectos são os estabulos e as montureiras, porque é aí que ellas nascem, vivem e se alimentam mais á farta, e onde depositam o germen das futuras gerações.

Sua fecundidade não é inferior á de suas congeneres, e em um só quarto d' hora chegam a pôr mais de sessenta ou setenta ovos.

Juntam-se ás vezes em pequenos bandos, sobretudo quando faz calôr, no meio duma sala, deante das portas ou janellas das casas, esboçando horas inteiras, encontrando-se umas com outras, revezando-se continuamente, circulando e movendo-se a compasso como em uma prolongada dança em que todas tomam parte enquanto dura a luz do dia.

O infinito numero de germens depositados pelas moscas domesticas no esterco e outras immundicies, teem pouco mais ou menos as mesmas evoluções que os da *sarcophaga carnivora*, e começam a povoar o ambiente logo no principio da primavera.

Tambem teem poderosos inimigos, tanto no estado de larva como no de insecto perfeito. O seu peor inimigo é um cogumelo parasita, denominado *empusa muscae*, que se multiplica e desenvolve nos tegumentos do abdomen, determinando-lhes uma morte horrivel e summamente dolorosa. Este terrivel contagio apparece principalmente quando se approximam os frios do inverno.

E' então que as vemos agarradas ás paredes, mortas e com o ventre inchado. São muito sensiveis ao frio, e por isso é raro apparecer alguma durante o inverno.

*

A mosca das oliveiras é dos mais perniciosos parasitas de nossas arvores fructiferas.

E' muito mais pequena que a precedente, não tendo mais de quatro milímetros em seu maior comprimento. Sua cabeça é entre branca e amarella, e o abdomen amarelo com tres riscos pretos.

A postura destas moscas é feita entre as azeitonas antes que atinjam seu completo desenvolvimento. Quando o anno é favoravel á sua multiplicação, chegam a destruir completamente uma colheita. Poem regularmente tres a quatro ovos em cada azeitona. Ao fim de poucos dias já as larvas começam a fazer seus estragos minando o fructo em todos os sentidos e fazendo-o cair em pouco tempo.

As formigas são com certeza os maiores inimigos destas moscas e de suas larvas, fazendo em todas terrivel matança.

Quando uma oliveira apparece atacada deste flagello, só ha um remedio para se não perder tudo: é apanhar todo o fructo o mais cedo possivel e convertel-o em azeite, que será sempre de boa qualidade, ainda que as azeitonas não estejam maduras.

O trigo, a cevada e outros cereaes tambem são atacados pelas larvas de certas moscas amarellas, que põem os ovos na cana das respectivas plantas, deformando-as e causando enormes perdas.

*

O estro do cavallo, *gastrophilus equi*, é muito notavel por seus habitos e costumes.

Habita nas florestas, mas os intestinos do cavallo é que foram destinados para berço de sua numerosa familia.

Inseparaveis companheiras do homem e dos animaes, é nestes que a natureza lhes prepara habitação e celeiro no mais longo periodo de sua existencia.

A femea fecundada e presta a confiar á providencia os cuidados de sua posteridade, procura instintivamente os cavallos, rodeia-os e poua nelles sempre que pode sem os almar nem perturbar. Entretanto junta alguns pellos e nelles deposita uma pinha d'ovos. Depois repete a operação uma e outra vez até que despejam todo o ovario que pode conter até *setecentos* ovos. Estes desenvolvem-se rapidamente, e nascem todos com o calor do ambiente.

As larvas descem logo para a pelle do animal e começam a formigar em todos os sentidos, produzindo-lhe um forte prurido que o incomoda e desespera, obrigando-o a lamber e abocanhar a pelle continuamente. Muitas são esmagadas e outras caem por terra, mas grande parte dellas são engulidas pelo quadrupede. Na passagem do esophago até ao estomago ainda morrem bastantes, e só algumas é que aí chegam illesas.

As que ficaram salvas desse perigoso golpho, agarram-se logo ás paredes do estomago e intestinos, isoladamente e independentes umas das outras, ou em verdadeiras e numerosas colonias. Nesta extranha habitação, nesta clausura inteiramente nova devem permanecer por mais dum anno, sustentando-se dos sucos subministrados pelas mesmas viceras, onde chupam como sanguessugas, produzindo ás vezes feridas terri-veis que só cicatrizam quando os bichinhos inteiramente as abandonam.

Passados dez ou doze menses já as larvas estão completamente desenvolvidas. Então vão-se deixando arrastar pelos escrementos até sairem inteiramente do ventre do animal. Outras vezes, e é o mais commum, seguem de vagar todo o intestino approximando-se cada vez mais do termo da viagem. São estas as que durante o verão apparecem todos os dias ás tres e quatro e mais deperduradas do anus do animal, deixando-se cair successivamente para serem substituidas por outras.

Em todo o tempo que se conservam no interior do animal, soffrem duas transformações, adquirindo uma forma achatada, um pouco rugosa, e de cor amarello-avermelhada. São munidas de duas garras que lhes servem para se fixarem nas paredes do intestino.

Depois que caem juntamente com os escrementos, enterram-se na terra e transformam-se em nympha. Isto succede de maio a agosto.

Permanecem neste estado umas seis semanas, transformando-se em seguida em insecto perfeito. Acasalam-se e começam a postura como ao principio.

*

O estro ovino é uma mosca de costumes um tanto differentes. E' pequena e acastanhada, com o abdomen amarello ou escuro, e coberta de pellos.

Na epoca da postura procuram os rebanhos de carneiros e ovelhas em cujas narinas depositam os ovos que se desenvolvem rapidamente.

O prurido que as larvas causam nas narinas destes animaes obrigam-nos a espirrar continuamente, sendo muitas expulsas por este meio. Outras refugiam-se quanto podem no interior penetrando até ao cerebro e provocando grande abundancia de mucosidades de que se alimentam.

Assim vivem uns nove meses, causando um horrivel encomodo a suas victimas, que tomam um aspecto triste e repugnante.

Ao fim dos nove meses, quando attingem seu completo desenvolvimento larvario, as *ovelhas ranhosas*, que nunca cessam de espirrar, expulsam-nas do mesmo modo que ás primeiras.

Sete a oito semanas permanecem debaixo da terra no estado de nympha até que se transformam em insecto perfeito.

Os camellos, os veados, os antilopes, as cabras montezez e muitos outros animaes, tambem são obrigados a dar guarida e sustento ás larvas de differentes especies de moscas que nelles passam grande parte de sua existencia como parasitas.

O laborioso e pacifico boi tambem tem nas moscas um parasita que o incomoda e tortura.

E' uma mosca negra e pequena, com varias riscas de amarello e branco. Vivem no campo e frequentam as manadas de bois. A femea põe em practica os mesmos ardis que o estro do cavallo, quando chega a epoca da postura.

Approxima-se do pacifico animal, poua-lhe em cima sem o almar e junta alguns pellos que lhe servem de ninho para depositar os ovos. Depois repete a operação quantas vezes é necessario para completar a postura. Os ovos desenvolvem-se rapidamente. As larvas, grossas, curtas e de orgãos bocaes fortes e resistentes, furam logo a pelle do animal, fazendo debaixo della uma guarida segura onde se escondem. E' esta a origem de grande quantidade de borbulhas ou pequenos tumores que apparecem muitas vezes no lombo dos bois, sobre tudo naquelles por onde nunca passou uma lavagem de junco ou esparto.

Neste estado permanecem dez ou doze meses até seu completo desenvolvimento. Depois descem, enterram-se, convertem-se em nympha, e mais tarde em insecto perfeito como as precedentes.

P. DANIEL DA CRUZ.

Echos de S. Francisco e S. Antonio

SANTO PROTECTOR DO MÊS

Jesus Menino



humanidade contava já quarenta séculos de existencia. Quarenta séculos porrem de trevas, sob o influxo d'uma crise moral, que pesava sobre todos os seus membros, precipitando-os progressivamente no insondavel survedouro da ignorancia, da iniquidade e materialisação de espirito. O homem aberrára desde o principio do seu destino. — Olhou para si, quando ainda vagia no berço da innocencia, e, concebendo uma ideia falsa da independencia e liberdade que o caracterizavam, com-prazeu-se no proprio ser. Prolongando demasiado este olhar, uma nuvem caliginosa assomou alem no horizonte, e ao volver de novo os olhos, o

mesmo contemplador da fictícia dignidade já não enxergou o estandarte da salvação, o sol da verdade. O coração humano ficou denegrido, a intelligencia obumbrada, — o homem todo errante sobre a terra.

Então, Deus debruçando-se sobre os degraus do seu throno, olhou lá do alto para o mundo e só viu trevas, sem descortinar no seio d'estas o verme humano que se arrastava por sobre o lodçal do crime. Parece que se entristeceu o Creador e, qual pastor vigilante, condoído do desvio do seu rebanho, curava de lhe reabrir a porta do aprisco. Foi no momento desta dor, que, no dizer profundamente theológico d'um sábio reboou nas abóbadas empyricas a voz do Eterno perguntando ao ceu consternado se lá havia algum poder que quizesse sacrificar-se á salvação da humanidade.

dentro da sua mesma natureza, o princípio da luz, a verdade indefectível.

Christo de Belem era, sem duvida, *Luz de verdade*. Identico á substancia divina quanto ao elemento mais nobre que o constituía, archivava dentro de sua propria personalidade o pélagio incommensuravel de todo o ser, de toda a verdade que illumina; — era Filho Unigenito da *Luz*; *Luz* portanto, elle tambem.

Attraindo a si os espíritos angélicos que se nutrem exclusivamente de luz e verdade, Jesus evidenciava que era *Luz e Verdade* substancial que saciava os adoradores celestes. Salvaguardando a virgindade illibada do seio que o gerára, o Recem-Nascido do Presépio anathematizava as trevas da concupiscencia desordenada e testemunhava a sua incompatibilidade com o espirito de escuridão e de mentira, — era *Luz e Verdade*. Re-



CASTRO DAIRE — A EIRA OU JOGO DA BOLA -- LOGAR ONDE EXISTIU O ANTIGO CASTELLO

As divinas gerarchias ficaram silenciosas e, d'entre tantos anjos e seraphins, ninguem se animou ao sacrificio.

Deus porem, não podia esquecer a obra da sua misericórdia e amor, nem supportar a completa frustração de seus designios ineffaveis. Um sol portanto, surgiria por detraz dos castellos de nuvens que envolviam a grande familia humana.

Era no calado da noite, nas horas tétricas do géldo inverno! — Um raio de luz reflectiu nas brumas, estabeleceu um foco na terra e fez concentrar em torno de si as victimas da escuridão. Era *Luz* . . ., *Luz de verdade*! Era o Verbo de Deus que poisára sobre a terra para enfaixar o grande enfermo que estava cançado da dor de quarenta séculos.

Estava salva a humanidade. — Creada para a luz e para a verdade, viu apoz o seu crime,

cebendo homenagem e culto de adoração dos reis da terra, que prodigiosamente conduzira á sua presença, era *Luz e Verdade* que se reflectia e alimentava a intelligencia dos filhos do homem perdido. Rodeado de pobres e festejado por pastores, era *Luz* que scintillava na obscuridade, era *Verdade* que se repercutia na ignorancia, annullando-a e substituindo-a. Reclinado n'uma mangedoura, era *Luz* que ruborisava de vergonha as faces da cidade ingrata, era *Verdade* que confundia os amantes de volupia ephémere e os habitadores dos palácios luxuosos. Jesus Menino, emfim, era a *Luz* e a *Verdade* que habitavam entre os homens.

O apparecimento d'este divino personagem na terra, caracteriza o momento mais solemne da história da civilização universal do mundo, porque personifica o primeiro ímpeto sensível

da força que resgatou a humanidade. — E' o Presépio a primeira lição que Deus ditou ao homem resobrenaturalizado. Exprime o amplexo de caridade, mediante o qual o Creador se vinculou voluntária e substancialmente á natureza humana. E esta união íntima é *Luz* que esclarece intelligencias, é *Esperança* que alenta espíritos e é *Amor* que vivifica corações; — três reflexos do Sol de Belem que são o princípio da regeneração da familia peccadora, porque iniciaram uma transformação radical na psychologia occulta dos individuos e, consequentemente, tambem no espírito social dos povos.

Jesus reeditou a lei da natureza e completou-a com o Evangelho, cuja sublime doutrina de verdade e amor, casando-se cabalmente com as aspirações do espírito humano, ganhou raizes na alma das gerações.

Esta propaganda divina, desbravando a materialização que os quarenta séculos de captiveiro moral geraram na intelligencia das massas, foi a manifestação completa d'essa *Luz* brilhante que primeiro fulgurou no Presépio, como auréola da incarnação de Deus. A consequencia d'esta nova doutrina, foi a reprodução d'uma nova consciencia, — a consciencia christã que subjugou a do paganismo.

Apoz o lapso do privilegiado do Eden foi promulgada a lei da dor e do trabalho. A misericórdia divina porem, suavizou-a com a promessa d'um redemptor, com a doce esperança d'um resgate. Todavia, esta esperança que era o unico alento do coração humano atravez dos séculos, mal sobrepujava a escuridão que envolvia as sociedades; e estas, cedendo á violencia da sensualidade bruta, sacrificaram a razão ao vício. Uma densa nuvem de trevas pairava sobre os espíritos.

Surgiu porem, a aurora d'um dia ameno. Alem no descampado estava o Presépio. Jesus Menino começou a realizar as prophcias escriptas. — Nada mais era necessário; porque os povos, recordando-se do compromisso divino, comprehenderam o facto e, quasi sem o pensarem, encontraram-se de posse do objecto da sua esperança meio amortecida. — O Nascido na gruta era o Desejado das nações, que devia realizar a ideia de sacrificio e levar a cabo a reparação do homem. A luz do Presépio pois, era tambem luz e *esperança*.

Mas, o estábulo de Jesus é mais eloquente ainda. A esperança não bastava ao homem; urgia a reconstituição do estado moral primitivo, porque eram assaz oppressivos os quatro mil annos de desterro em que o ceu parecia uma immensa esphera de bronze que se não revelava ás aspirações humanas e onde o homem não podia penetrar por virtude própria. N'ella vivia Deus clausurado com seus espíritos adoradores, esquecido, ao menos apparentemente, dos filhos que creára na terra, supposto que estes o desprestigiaram primeiro, roubando-se voluntariamente ao influxo sobrenatural que exercia sobre elles. Destronado do sólio da candura original, o homem encerrára todo o prémio do heroismo de seus actos na felicidade que corresponde á natureza; e esta, limitada e insufficiente, oscilava na balança da incerteza, porque o mesmo coração humano, não podendo viver sem um deus, sedu-

zido pela ignorancia e alliciado pela conveniencia material, devotára-se á causa da idolatria, procreando as religiões do paganismo.

A luz dissipadora d'esta nuvem só podia ser o amor. Pois, o Presépio era foco d'elle, porque occultava em suas sombras tenebrosas o mystério da identificação de Deus e do homem n'uma só personalidade. — Foi, sem duvida, o Verbo Divino que, respondendo affirmativamente áquella interrogação amorosa de Deus nas regiões empyricas, se deixou penetrar da ideia de redempção do homem que preocupava a Mente Eterna; — ideia sublime que era só amor, porque devia e só podia ser realizada por esforços divinos.

A *Luz* de Belem portanto, que é a primeira fase d'esta ideia, é tambem luz de *amor*, porque os seus raios fascinantes, emanando do Creador para o homem na união hypostatica, resobrenaturalizaram este e humanizaram aquelle.

Assim, viu a humanidade abertas as portas do seu augusto cárcere e retrocedeu ao estado da primitiva relação com Deus, que é a vida da imarcessivel felicidade.

Mas, a transformação iniciada pelo Menino do Presépio não podia circumscrever-se á actividade particular dos individuos. E' próprio do homem traduzir na familia a vida que lhe anima o espírito. A sociedade pois, recebeu tambem os reflexos do facho luminoso que luziu ha vinte séculos na noite de Natal.

A voz de Jesus, apregoando a irmandade universal de todos os homens e proclamando-os filhos do mesmo Pae commum, enunciou a regeneração externa ou social, que é o complemento do resgate da linhagem humana. Vinculando substancialmente o homem a Deus, falando-lhe só palavras de amor, nascendo e sacrificando-se por elle, gravou-lhe no coração as primeiras impressões do espírito de equaldade e fraternidade.

Com effeito, apoz este sympáthico apostolado do Filho de Deus, a humanidade, discortinando novos horizontes de luz, pôde collocar em duas linhas paralelas a vida religiosa e a vida social, uma coadjuvando a outra e ambas conquistando o mesmo fim, — a felicidade. A primeira ensinava a liberdade commum, a segunda despedaçava as cadeias férreas da escravidão das classes inferiores; aquella apregoava os sagrados direitos de conservação da vida e de propriedade, esta derubava os Césares do throno do despotismo; a religiosa evangelizava paz e tranquillidade de consciencia, a social derruía ídolos e secundava os prosélytos de Boa-Nova.

Estavam, enfim, lançados os fundamentos do grandioso edificio da civilização do mundo e completa, talvez, a obra da redempção humana.

O homem concentrando a sua actividade mental no Presépio, descobre o princípio gerador da sua integrã rehabilitação, porque encontra n'elle a *Luz de verdade, de esperança e de amor* que o moralizou e remiu.

E' assim que o Natal de Jesus constitue o facto mais monumental da história da humanidade.

*

Nitidamente comprehensora d'estas verdades, a Igreja Cathólica olhou sempre para o Presépio de Belem, como para o berço da sua exist-

tencia, para a fonte da sua moral e código doutrinario. Mestra zelosa e vigilante, curou em todos os tempos de interpretar a seus súbditos a eloquencia silenciosa mas profunda do Divino Menino e apontar-lhes a tribuna do Estábulo como cáthedra de indefectíveis verdades e sublimes virtudes.

Adherindo a estas convicções tradicionaes do christianismo, a Ordem Franciscana devotou-se com singular entusiasmo ao culto do Deus Nascido e á solemnização do Natal de Jesus.

Francisco, porque nascêra n'uma mangedoura como o Divino Infante, enlouqueceu de amor por elle. Para traduzir publicamente a sua amorosa sympathia pelo mystério de Belem, quiz ensinar a todos os christãos o modo de o commemorar, tal como elle se realizou.

Foi em 1223, a 24 de dezembro.

Desde o romper da manhã a floresta visinha de Grécio andava em transformação festiva. O Amante de Jesus Menino, aproveitando a sua estada em Roma, supplicou ao Summo Pontífice licença para os grandes festejos e traçou o risco dos preparativos para as solemnidades da noite de Natal que deviam realizar-se no mencionado bosque. — Um grande altar, sobre o qual estava collocada uma mangedoura e a seu lado um boi e uma mula, erguia-se simples e magostos sobre uma elevação; pela floresta levantaram-se palanques a várias distancias para os coros de músicos e cantores; em vários pontos do bosque estavam armados preparativos de illuminações e columnas de verdura. Francisco andava louco de alegria e esperava impaciente pelos religiosos dos conventos próximos para começar a grande função, — a primeira noite de Natal que se cantava na Igreja.

Chegou a hora; acenderam-se as luzes e os coros alternaram por entre o arvoredo illuminado o primeiro versículo de Matinas. Imaginem-se os transportes do Santo Poeta do Alverne!

Seguiu-se a missa da meia noite. Ao evangelho o Santo que servira de diácono subiu ao púlpito e desfez em pranto o numerosissimo auditorio.

O Menino Jesus appareceu deitado sobre as palhas da mangedoura, onde não collocaram nenhum que o substituisse, e revelou-se aos olhos de Francisco em que todos notaram os transportes do extase.

Teve origem n'esta festa genuinamente franciscana, o uso introduzido em todos os conventos da Ordem Seráphica e mais tarde em todo o mundo christão, de representar mais ou menos artisticamente a scena do Presépio de Belem nas igrejas.

Pelo correr dos séculos tem-se notado em todos os santos da familia de Francisco uma terrnissima devoção ao Menino Deus, que, roubado pela pobreza e simplicidade d'estes seus fieis servos, faz as suas delicias em reclinar-se-lhes no coração santamente ingénuo e alheio ao hábito infecto do mundo.

Indulgencias plenárias

Dezembro. — Nos dias: 8 e 25 absolvição geral.

Janeiro. — Nos dias: 1, 6 e 14.

ORGANIZAÇÃO INTERNA DA ORDEM TERCEIRA EM PORTUGAL

VIII

Educação domestica

Não teriamos exposto por completo o pensamento que nos guiou n'estas ligeirissimas notas, se não corrigissemos os abusos a que os jovens se tem entregado em nome da *sua idade*, levados talvez pelos dos seus maiores, que procuramos remediar no número precedente.

Infelizmente, é nas cidades, onde, de ordinario, ha mais instrução, que estes males se produzem em maior número e em peores circumstancias, — o que, mais uma vez, vem provar que a instrução vale bem pouco para a vida, quando, a par d'ella, não ha uma educação moral completa. Porque a falta da moral é a falta do senso commum, do senso pratico que deve orientar o homem. E o que, de ordinario, falta aos jovens das cidades é isso ou, o que é o mesmo, — *falta-lhes a comprehensão da vida*.

As impressões de um momento duram-lhes ás vezes, annos, tais como as receberam, sem modificação alguma. Succede isto, de um modo particular, nas impressões *sentimentais*.

Mas, note-se, por isso mesmo que não são reflectidas, tambem as podem destruir num momento — ás ordens do capricho ou em presença de uma sensação mais forte.

Isto sofre apenas algumas rariissimas excepções; é tão geral como o enfraquecimento de character donde procede, e que nós hoje tanto lamentamos. E', pois, uma enfermidade d'alma, reveladora de uma psicologia inferior.

Se pretendemos cural-a, examinemol-a antes, em dois ou três casos particulares.

Ha meninas e meninos que namoram por *divertimento*.

Chegados aos desoito ou antes ainda procuram divertir-se mais *sériamente* do que se divertiam em creanças e, para isso, entendem que nada é melhor do que arranjar um namoro.

A estes não é sequer um movimento de simpatia o que os impele, mas um movimento da *moda*. Ha uma grande quantidade de senhoras que pôdem contar na sua vida

cinco ou seis namôros deste genero. A *gloria* é maior se dois ou três fôrem simultaneamente mantidos e habilmente enganados. Mas, na generalidade dos casos, são os mancebos cidadãos que se divertem assim.

Isto, alem de ser ridiculo e tolo e immoral pelas razôes que depois apontaremos, tem ainda consequencias desastrosas. A peor de todas é que quando, por fim, tratam de escolher um companheiro para toda a vida, escolhem-no apenas porque *já é tempo*, julgando que continuarão a divertir-se pela vida fóra, e, o que é mais, sem amor, porque enfraqueceram esse sentimento, derramando-o insensatamente por todos quantos lhes serviram para se divertirem. Quando um dia, ante seus filhos, tiverem ensejo de falar a um dos que tiveram a... felicidade de não serem escolhidos em ultimo logar, o rubôr deve-lhes avermelhar as faces...

Outros namoram por uma certa *necessidade*.

Dá-se isto em especial em algumas meninas nervosas, que, encontrando tudo o que se faz em casa mal feito, se capacitam de que vivem num inferno e pretendem desabafar com um namôro. Está claro! Nestes momentos de desespero, as meninas com dezoito annos apenas, já dizem que não podem esperar mais tempo para se casarem; e capacitam-se realmente de que o seu namôro é a *sério*. Pobre d'*elle*, que todos os dias a tem de ouvir lamurienta e chorosa, contando tudo o que se passa em casa, desde o escritório á sala de jantar!

Mas façam as modificações na vida da familia que a menina pretende, façam-lhe por algum tempo a vontade e verão como ella, começando a sentir-se bem, se vai aborrecendo do namôro. Cessou a causa por que elle tinha sido *alugado*; e então ou ella o despede, como se faz a um creado inutil, ou elle, despeitado, se retira... levando apenas consigo os segredos da familia. Pouca coisa, afinal!

Não nos demoremos mais com esses tristes modos de namorar dos jovens mal educados. Podiamos ainda mostrar a quantos caprichos e desgostos elles se sujeitam e as graves consequencias que tem certas circunstancias dos namôros nas cidades, especialmente a de serem feitos a altas horas da noite das janelas de um primeiro, segundo ou terceiro andar para a rua. E', po-

rém, inutil insistir nestas particularidades, porque, dizendo, como desejamos dizer, em que consiste e como deve ser feito o namôro, teremos dito ao mesmo tempo o que elle não é, nem deve ser.

Para isso, basta-nos atender ao fim que têm a natureza e Deus com este instinto de mutua atração que ha entre o homem e a mulher: — é para conseguir a propagação da especie com toda a moralidade, dentro do matrimonio.

Todos os sentimentos naturais de amor, de simpatia, dedicacão, etc., que um homem tem por uma mulher e, por conseguinte, todas as suas manifestações e qualidades fisiologicas, a graça, a belesa e outras qualidades que, por vezes, acompanham aquelles sentimentos são dirigidos para aquelle fim superior. Por que a natureza não faz as coisas para a gente se divertir.

Por consequencia, desvial-as desse fim é um mal contra a propria natureza, que pode ser maior ou menor quanto maior ou menor fôr o desvio que sofrerem.

Quando este mal entra no dominio da consciencia e é feito voluntariamente, converte-se em mal moral, em culpa mais ou menos grave.

Daqui se segue que se não condena o amor profundo e a alegria entre dois jovens namorados, pois são condições naturais do namôro e proprias da sua idade. O que se condena são os abusos do namôro, quer por falta de amor, como nos dois casos que apresentamos, quer por amor, não diremos excessivo, mas *desquilibrado* em muitos outros casos que toda a gente conhece.

E a estes ultimos diremos apenas que a sua futura missão de pais lhes impõe o dever de se portarem antes e durante o matrimonio de modo tal, que não tenham que envergonhar-se deante de seus filhos ou um do outro de qualquer acção menos digna que tivessem praticado.

Em que consiste, pois, o namoro? Na preparacão directa do matrimonio. Se este não é illicito, tampouco a sua preparacão. E se para o matrimonio se requer o mais puro, o mais profundo e desinteressado amor, é no tempo do namôro que elle se deve preparar, procurando ambos conhecer as boas qualidades que possuem, tentando emendar os seus defeitos, amoldar-se ao

genio um do outro, ilustrando-se e esclarecendo-se mutuamente.

E quando durante o tempo de namôro reconhecessem que lhes era impossivel amar-se e estabelecer uma completa harmonia entre os genios, teriam obtido a melhor prova de que não serão felizes, casando-se.

A grande garantia para um bom casamento está no amor que mutuamente se tiverem durante o tempo em que se preparam para elle. Embora haja excepções.

Mas o que é que produz o amor entre dois jovens? Ah! temos um grande desengano para lhes dar, que talvez deixe algumas desconsoladas, mas que a experiencia da vida nos ensina e lhes ensinará tambem.

Não é a beleza por si só, nem a elegancia, nem mesmo as riquêsas de uma mulher o que subjuga o coração de um homem. Isso tudo poderá dar-lhe alguns sentimentos de interesse e de egoismo tórpe; mas o coração só se subjuga com o coração. Só o coração grande e nobre, tradicional na mulher verdadeiramente portugêsa, pela grandeza que lhe dão o amor, a dedicação e o sacrificio, só elle pôde vencer e dominar um coração de homem. As outras qualidades, quando esta existe, servem então para que o homem forme da mulher o seu idolo, porque quando ha esta bondade inteligente e grande no coração de uma mulher, todas as outras qualidades se transformam num ar de graça e de pureza que, em vez de a materializar, a espiritualiza.

E aos jovens temos a dizer o mesmo: a mulher naturalmente envolve o homem num amor profundo em que entram, alem da sinceridade e dedicação, um mixto de sacrificio e de respeito. E' preciso, pois, que elle se mantenha nesta posição em que a mulher o idealisa, embora nessa idealisação haja muito de sonho. Estes desfazem-se naturalmente; mas que a realidade não seja a verificação de que houve um *completo engano* em fazer tão nobre ideia do homem. Não é o que vulgarmente se chama a *estrounice* que torna o homem respeitavel. Isso faz apenas delle um vilissimo canalha que despreza toda a grandeza de espirito para refestelar de continuo a materia ignobil. A coragem, a grandeza de animo, o amor do trabalho, a sinceridade e a franqueza é que dignificam o homem. E' assim

que a mulher o sonha. E, se na sua imaginação, o vê elegante, cheio de vida, fôrte e robusto, é porque estas qualidades fisio-logicas são a tradução natural daquella nobre e viril psicologia.

Reunindo em sintese a doutrina exposta nos dois precedentes artigos e no presente, vê-se que, na pratica, tudo se reduz a pouca coisa: — sinceridade e lhanesa da parte dos jovens, que se traduza entre elles num amor profundo e para com os pais numa confiança respeitosa e franca, á qual, da parte destes, deve corresponder sempre a aprovação, a não ser no caso que exceptuamos; ou, em caso de desagrado, o conselho e a modificação pacifica no modo de pensar, quando fôr possivel. A isto se limita a sua autoridade nestas questões, a não ser que nellas vá envolta a honra da familia.

Deste modo obteremos o bellissimo resultado de, pouco depois de terem tomado conhecimento, os jovens poderem manifestar o seu amor junto das respectivas familias, começando desde então a gosar as mesmas alegrias e a sofrer as mesmas tristezas, que ambas são na vida o mais forte laço de união para as almas que vivem em commum.

As conversas de namôro deixarão de ser chocarreiras e piegas, para serem dignas e verdadeiramente alegres, porque a alegria provem da vida e não ha na natureza vida mais intensa que a que haurimos no seio da familia.

Só assim se evitam os desgostos, fazendo ao mesmo tempo reinar a alegria e o amor.



A ACÇÃO FRANCISCANA

Ordem Terceira de Montariol

Realizou-se no primeiro domingo do mez findo a costumada reunião mensal dos Irmãos Terceiros Franciscanos.

Assistiram muitos, mas não tantos como é costume. Não se attribua porem, esta pequena deficiencia á tibieza ou má vontade d'estes filhos de S. Francisco; foi unicamente causada pelo mau tempo que impediu a muitos de virem de suas terras demasiado distantes. E' até para admirar, que tenha comparecido tão grande numero, se tivermos em conta que só com grande sacrificio puderam comparecer por causa da muita chuva, que só abrandou cerca do meio dia.

Louvamos o fervor e zelo com que estes

animosos Terceiros tomaram a peito a observancia das prescripções da sua Regra.

Estreou-se o andor de S. Francisco, destinado para estas reuniões; a procissão, não pôde sahir por causa da chuva; effectou-se por isso, pelo interior do Templo.

No segundo domingo do mesmo mês, houve a reunião mensal das Irmãs Terceiras, que foi muito concorrida como sempre.

A' hora costumada subiu ao pulpito o R. Director P. Agostinho Motta, que em conformidade com o espirito do mês, expôz com a claridade e lucidez que o caracterizam, o modo como os Terceiros, segundo o espirito da Sua Regra, devem sufragar as almas do Purgatorio de maneira a serem uteis ás almas que lá penam, e proveitosos a si mesmos.

Eis os topicos do seu breve sermão: Explicação dos três estados da Igreja, — militante, purgante e triumphante; por que é que as almas penam no Purgatorio; — finalmente, virtudes das almas do Purgatorio, e modo de as imitar. O orador insistiu muito em particular sobre este ultimo ponto — a imitação das almas do Purgatorio.

No terceiro domingo effectou-se a segunda reunião da

Juventude Antoniana

instituida no mesmo Templo de Montariol, no terceiro domingo de Outubro do corrente anno.

Já conta 180 congregados esta instituição, fructo ainda tenro da acção franciscana. Muitos mais se poderiam ter admitido, se não houvesse escassez de fitas e medalhas que não são á custa dos congregantes.

Deus pagará a caridade das pessoas que favoreceram a nova instituição, que tão ricos fructos promete na formação de tantas creancinhas, que serão a nossa sociedade de amanhã.

Os canticos foram executados pelas creanças. No fim da reunião de Outubro, bem como na do mês findo, distribuiram-se ás creanças já filiadas na Congregação, folhetins apropriados.



Ø Pão de Santo Antonio

ESCLARECIMENTO E PEDIDO

Levamos ao conhecimento dos nossos prezados assignantes e amigos, mormente dos Directores locais e de todos os associados da Pia-União e do Pão de Santo Antonio em Portugal que, desde o dia 28 do mês de maio proximo transacto, ficaram os Padres de Montariol desencarregados da direcção e administração dos cofres erectos na igreja da Veneravel Ordem Terceira da cidade de Braga.

Por este motivo não somente declinamos a responsabilidade do bom ou

mau emprego das esmolas destinadas aos cofres de Santo Antonio dos Terceiros, mas tambem nos não prestaremos a remetter para lá quaesquer quantias enviadas com esse fim a esta Redacção, inda que publicaremos as graças recebidas.

Pedimos pois a todos os verdadeiros devotos de S. Antonio, que, ou escolham outro processo de fazerem chegar as suas esmolas ao altar de Santo Antonio, ou façam d'essas esmolas a applicação que acharem mais commoda e opportuna.

VIMIOSO

Mil graças a S. Antonio, que ouviu as nossas preces, intercedendo deante de Deus em nosso favor.

Já veiu chuva em abundancia, agora o que é preciso é o bom tempo para se poder terminar as sementeiras, aliás teremos um novo anno de fome em perspectiva, que muito prejudicará o pobre, encarecendo o pão, e reduzindo a esmola de S. Antonio.

Com as poucas esmolas que nestes dois meses têm caído nos cofres de S. Antonio, não podémos socorrer a muitas familias em volta de cujo lar continuamente negreja a sombra sinistra da fome e da miseria. Pena é que tantas pessoas, que sem o minimo sacrificio podiam socorrer os pobresinhos, fechem a alma á voz da caridade, que sempre clama mesmo nos corações mais endurecidos. Temos confiança em S. Antonio que a sua obra iniciada nesta villa sob tão animadores auspicios não ha de perecer, inda que o seu digno Director se veja combatido por todas as tempestades que a inveja e má fé contra elle possam desencadear. S. Antonio porem ha de mover o coração da boa gente d'esta villa para continuar a auxiliar obra tão santa.

No mês de outubro o rendimento dos cofres, foi:

Em moedas de prata e nikel.....	1\$750
» » de cobre	1\$120
1 alqueire de centeio	460
	<hr/>
Réis ..	3\$330

Neste mês foram contemplados 24 chefes de familia dos mais necessitados, distribuindo-se 2 kilos de pão a cada um.

Como de costume houve missa no altar do Santo, pelos bemfeitores da obra, communhão, canticos etc.

No mês de novembro o rendimento inda foi menor, pois apenas se encontrou nos cofres:

Em moedas de prata e nikel.....	1\$150
» » de cobre	625
2 alqueires de centeio	1\$000
	<hr/>
Réis. .	2\$775

Foram tambem contemplados 24 chefes de familia, e houve as orações do costume.

O Rev.º Director tem ainda um pequeno saldo, que recendo maior miseria, reserva para distribuir nos meses de inverno. Ultimamente resolveu o Rev.º Director que cada mês se dêsse o pão a cozer a um padeiro; para assim obstar a queixas repetidas tanto dos padeiros, como dos contemplados; pode porem o Rev.º Director estar certo que nunca poderá tapar a boca ao mundo, que se não tem que desfazer nas ações, procurará ao menos malsinar a intenção.

BARCELLOS

Continua florescente a obra do Pão dos Pobres nesta villa. De agosto a setembro o rendimento dos cofres de S. Antonio foi de 16\$275 rs. Na distribuição do Pão foram contemplados 255 pobres e presos da cadeia.

De setembro a outubro encontraram-se nos cofres 31\$460 réis e seis agradecimentos, e foram distribuidas 232 boróas a outros tantos pobres (1).

GOA (India Portuguesa)

— *Milagroso S. Antonio* — Agradecemos 3 graças temporaes que obtivemos por vossa intercessão, pelo que offerecemos 1\$200 reis aos vossos pobresinhos. O' Thaumaturgo, continuai a ser nosso Protector. Vossos devotos servos E. e M.

— *Milagroso S. Antonio* — Dou-vos graças pelo reencontro da creada. Offereço-vos 400 reis para o Pão dos Pobres,

Bandez, 22—10—907 R. M.

— *Meu glorioso S. Antonio* — Agradeço-vos muito por me ter alcançado uma graça livrando da gravissima doença d'abscesso peri-renal na região locular direita, de que fui operado com feliz exito no hospital militar de Nova Gôa, no março do anno passado por Ex.º Sr. Dr. Miguel Caetano Dias, dignissimo chefe do serviço de saude e director da escola Medico-Cirurgica de Gôa. Offereço para vossos pobresinhos dois mil reis que prometti. Continuai a proteger-me e a minha familia.

Velim, 22 de agosto de 1907. *Padre Romualdo Joaquim Vds.*

J. E. P. muito grato a S. Antonio offerece 7 rupias a seus pobres.

Raio 30—10—07.

DIVERSAS PARTES

Sylvia Cardoso da Silva offerece 3\$500 para o Pão de S. Antonio de tres pessôas por graças recebidas.

(1) Esta noticia devia sair no numero passado, porem quando chegou á Redacção já estava o culto de S. Antonio impresso.



OS NOSSOS DEFUNTOS

Pie Jesu Domine.

Dona eis requiem Amen.

D. Joanna Ignez V. da Silva.

— Fortunato Guilherme de Brito e Sá. — Surprehendeu-nos a dolorosa noticia do fallecimento d'este nosso amigo, um dos mais prestimosos correspondentes da nossa Revista e propagador incansavel das obras antonianas. Acompanhou-nos sempre nas nossas lides não se poupando a trabalhos e sacrificios para nos coadjuvar. Pertencia á Pia União de S. Antonio, e Ordem Terceira de S. Francisco. Acêrca d'este nosso amigo escreve o nosso collega «Echos do Vez»: «Foi por varias vezes vereador municipal e durante annos exerceu com muita solicitude o cargo de Secretario da Mêsá da Misericordia e o de Entemeiro Mór do Hospital.

Militou por largos annos no partido progressista; mas apenas se iniciou o movimento catholico-politico portuguez e se fundou o partido nacionalista, logo se alistou sob a sua bandeira, fazendo parte do centro do concelho desde que este se organizou aqui: — Conhecendo a necessidade da boa imprensa, auxiliava-a e procurava diffundi-la com empenho. Foi um dos que primeiro concorreu para a fundação do *Correio Nacional*.

O seu funeral muito concorrido, realisou-se hontem na Capella de S. Bento, sendo em seguida o seu cadaver dado á sepultura no Cemiterio Municipal.

Uma nota que deve ficar archivada:

Era, o finado, um catholico pratico, fervoroso. Frequentava, assiduamente, os Sacramentos, e, para se confessar, muitas vezes procurava em sua propria casa quem estas linhas escreve.

Na segunda-feira ultima, seriam 3 horas da tarde, procurou o seu confessor. Este não estava. «Pois esperarci ainda que seja até de noite» disse. E effectivamente esperou até perto das 5 horas. Confessou-se, e lá foi. Mal imaginavam — elle e o sacerdote — que mais não fallariam! Falleceu, como deixamos dito, repentinamente, cerca das 11 horas da noite, 6 horas, portanto, depois de se haver confessado! Antes de se recolher aos seus aposentos havia prevenido as criadas de que o chamassem logo que ouvissem tocar o sino na igreja Matriz, a fim de ir commungar!

Paz á sua alma!

Aos nossos leitores pedimos uma prece fervorosa por o seu eterno descanso».

R. I. P.

* Seção scientifico-literaria *

NOTAS DE CRITICA LITERARIA

A psicologia da literatura

(Continuação)

NUDO o que têm dito os psicólogos armados da seringa do «materialismo medico» acerca do pobre Job que é o pensamento literario contemporaneo acha-se condensado, coordenado e grosseiramente exagerado numa obra gordissima de Max Nordau, a *Degenerescencia*.

Num capitulo sobre a etiologia argamassado sobre muitas estatisticas e vasta erudição estabelece como causa originaria de todas as manifestações do pensamento moderno um fundo desequilibrio entre a receita e a despesa da vida nervosa nas gerações contemporaneas. Vejamos as observações em que se funda Nordau.

O desenvolvimento da imprensa, a intensidade sempre crescente do commercio, da industria; o interesse pelas viagens, a preocupação pela politica, vêm seguindo numa progressão espantosa, provocando correspondentemente no individuo uma actividade exagerada.

Hoje qualquer regedor de freguesia rural tem segundo Nordau um horizonte geografico mais vasto, interesses intellectuais mais complicados do que teria ha meio seculo qualquer ministro em Portugal, Espanha ou Austria.

Lendo o seu jornal, seja elle simplesmente a fôlha de parra arranjada para cobrir as miserias, e poucas vergonhas do influente politico da localidade, qualquer sabio de instrução primária, na sua vilória, toma parte, ineficazmente sem duvida, mas com uma curiosidade e receptividade exacerbadas em mil acontecimentos que se vão dando sobre todos os pontos do globo.

Segundo Max Nordau hoje qualquer cozinheira recebe e expede mais cartas que outróra um professor de faculdade; e qualquer boticario viaja mais, visita mais paes, observa mais raças e povos que ha meio seculo um principe reinante.

Ora tudo isto é actividade, e toda a ação ainda a mais insignificante vem ligada sempre a um esforço do sistema nervoso, a uma consumpção de materia.

Cada linha da nossa leitura ou da nossa escrita, uma carêta humana que vejamos, um tipo que fixemos, a conversação em que nos deixamos enredar, a scena fugitiva que olhamos através da janella dum comboio a correr e a apitar poem em actividade nossos nervos e nosso cerebro. De ha cincoenta annos a população da Europa não duplicou ainda; entretanto a soma do trabalho produzido pelos europeus, nota o citado critico, foi elevada a mais do decuplo, em parte a cincoenta vezes mais.

A esta enorme despesa organica não corresponde um acrescimo adequado de renovação, lamenta Nordau, não obstante confessar elle mesmo que os europeus se vão alimentando um bocadinho melhor que ha meio seculo.

Mas desgraça sobre desgraça! Ainda que nós podéssemos obter os melhores, os mais escolhidos generos alimenticios, não ha estomagos já hoje que se possam haver com elles. O pensamento remoi muito mais do que esmoi o estomago. O movimento do cerebro e sistema nervoso é muito mais rapido que o movimento do estomago e dos intestinos. Resulta daqui que a vida nervosa gasta todas as economias em reserva, depois declara-se a bancarrota.

E' desta crise biologica que o «materialismo medico» deduz a crise literaria contemporanea.

Deste ponto de vista podem tirar-se conclusões que, applicadas a tôrto e a direito, chegam muito longe.

Continua o pensamento de Nordau: para falar sem metaphora, a estatistica mostra-nos em que medida a soma de trabalho da humanidade civilizada tem crescido desde ha meio seculo. A ultima geração já não saiu suficientemente arcaboçada para suportar sem grande abalo este esforço excessivo. Proveio em seguida a fadiga, a depressão e o esgotamento, manifestando-se tudo isto, na primeira geração, sob forma de histeria adquirida, vinculando-se á segunda este estado nervoso sob a forma de histerismo hereditario.

As numerosas e multiformes escolas literarias que se desenvolveram nos ultimos tempos, têm nestas cousas, segundo o ce-

lebre biologista da imaginação, a sua origem, o seu comentario e condensação sumaria.

O abuso dos narcoticos e dos estimulantes que veio successivamente crescendo tem a sua fonte incontestavel no esgotamento do sistema nervoso. Ha aqui um desastroso circulo vicioso de acções reciprocas.

Os ingeridores destes excitantes reproduzem em seus filhos estas predisposições morbidas. Estes por sua vez hereditariamente fatigados ou degenerados sentem a necessidade de recorrer aos mesmos excitantes, procurando pelo menos o agradável sentimento dum vigor ficticio ou a apaziguação da sua excitabilidade dolorosa. A vontade enfraquece e desorganiza-se progressivamente; mais tarde estes habitos tomam um dominio despotico predeterminando a inanição completa do cerebro, do sistema nervoso.

Todas estas observações são valiosas e dão-nos a compreensão pelo menos de muitos accidentes literarios.

E eu gosto immenso deste processo de critica literaria em que o escritor, o poeta, o genio é intimado a mostrar-nos todo o mecanismo fisiologico, pôr-nos a nú todas as violas, todas as peças do seu instrumento artistico.

O fisiologista introduz-se no gabinete de trabalho do literato, ordena-lhe que faça o favor de se despir completamente. . .

Adiante! descamisa-se o pobre do escriptor até da propria pèle, manda-se que a dependure no espaldar da sua cadeira — e agora que tenha a bondade de se assentar a escrever. Então o fisiologista, com muito cuidado e com precauções cheias de solicitude e grande pericia, começa-lhe a desatracar as vertebrae uma a uma, substituindo-lhe a corda nervosa da medula espinal todo o estojo vertebral por uma serie de tubos de vidro; e acima, ao encefalo muda-se a caixa craneana por um balão de vidro.

Assim a vida do genio é-nos transparente por completo.

O genio, a arte, estão latentes ali como a electricidade numa garrafa de Leide, num condensador.

Por enquanto não ha chispa. Falta o excitador. Mete-se uma caneta armada entre os dedos do escritor, e, graças ao bico do aparo (um caso do poder das pontas) a energia da bobina cerebral, descendo pelos nervos deductores, desgrega-se numa enfiada serie de faiscas, capazes de queimar, se a força do genio é muita, o proprio almaço



CASTRO DAIRE — RUA VISCONDE GUEDES TEIXEIRA

— até que o cerebro se tenha descarregado completamente.

Grande parte da electricidade cerebral, da energia do pensamento, quero dizer, é evidentemente electricidade dinamica. A pilha é o estomago; está visto que é.

Porisso a alimentação é um dos capitulos mais graves de mesologia biologica, da fisiologia do espirito.

Mas tambem evidentemente a pilha digestiva não é a unica fonte de receita; ao menos é sabido que o cerebro se pode carregar tambem por *influencia*, como nos casos de hipnotismo e sugestão.

Alem disso hoje sabe-se que a matéria não é mais que uma concentração de forças, sendo duma potencialidade dinamica muito alem do que se podia supor. Depois, a economia da vida literaria é ainda bastante distincta da economia da fisiologia geral.

Se metade da energia cerebral se transformasse em força racional, não faltariam nervos até para o *Sobre-homem* de Nietzsche.

Porisso é impossivel fazer-se o balanço entre a receita e a despesa na vida da intelligencia com aquela precisão matematica que se-requereria para que o determinismo fisiologico fosse applicavel á psicologia com minuciosidade, como se tem pretendido fazer.

O estomago dos europeus contemporaneos digere muito menos com certeza do que tragava o *homem das cavernas*. Entretanto o trabalho que hoje produz o homem é incalculavelmente mais; todavia ninguem vai concluir em virtude desta comparação que este trabalho seja o produto duma fraqueza morbida.

A energia de muitos actos condensa-se no habito, e os habitos formados durante muitos seculos de evolução acumularam-se no nosso organismo.

Um grama de radium desgregando as mais espantosas irradiações calcula-se que nem um seculo seria suficiente para êle se descarregar completamente da sua energia: o cerebro humano, quanto a movimento exclusivamente empregado para lhe conduzir pelo infinito a intuição psiquica não teria corda para mais? Penso que sim.

Note-se mais, quanto á fisiologia do pensamento, que por enquanto não temos dados para discernir se numa atrofia animal poderá existir uma hipertrofia dos órgãos racionais.

O «materialismo medico» da escola de Lombroso ao aplicar aos processos literarios os dados da biologia tinha como pontos de partida principios demasiado simplistas e uniformes.

Eram na Quimica e na Fisica os dogmas da indestructibilidade dumas pequenas quantidades de materia a que chamavam átomos e consubstanciada em cada uma dessas particulas de materia uma energia correspondente tambem indestructivel.

«Hoje, escreve Lucien Poincaré, a respeito destas grandes teorias que ha pouco ainda eram universalmente admitidas reina uma especie de anarquia que vai alastrando successivamente por todos os dominios das sciencias da natureza.

Neste momento assistimos mais a um trabalho de demolição que a uma reorganização definitiva.

Hoje renuncia-se geralmente ao pensamento que todos os phenomenos sejam suscetiveis de explicações mecanicas.»

Nous nous sentons entourés de forces gigantesques à peine entrevues, obéissant à des lois très ignorées, escreve Gustave Le Bon.

A materia, sabe-se hoje, não é mais que uma condensação de forças. E como poderemos nós calcular a soma de energia acumulada num centimetro cubico de materia? Somente pelo criterio da homogeneidade.

Mas esta homogeneidade não é determinada neste caso por um criterio de especificação metafisica mas apenas sob um ponto de vista de vaga generalidade. As minuciosidades escapam-se-lhe. Os principios gerais são a base estatica de todas as sciencias. Negal-os seria afirmar a impossibilidade da sciencia. Os extremos paradoxais evitam-se se ao enunciarmos os principios gerais, em vez de lhes atribuir uma significação absoluta, os mitigarmos sempre com a intenção de prudente generalidade.

De contrario não se evitam ainda os maiores absurdos.

E' o que vai succedendo com o «materialismo medico» que se lançou á critica literaria.

O trabalho literario dobrou umas poucas de vezes do que era ha meio seculo. O volume do cerebro não dobrou uma vez. Mas isto não pode ser assim. Logo isto não é trabalho; é uma ilusão, uma apparencia de força. Um escritor de genio que é porventura um debil organismo, alimentando-se muito pouco, conserva-se numa espantosa tensão cerebral, e escreverá pelo menos uma estante de obras immortais, senão uma biblioteca, como, por exemplo, Camilo Castelo Branco. Vai ali aquelle burguês, de perna solida, cachaço esplendido, caminhando atraz do zabumba da pança respectiva. Ideias, nunca alimentou outra coisa alem da coceira de alguns interesses politicos. Se toma um livro adormece sempre ao meio da segunda pagina. O tipo 2.º da intellectualidade é que é autentico. O primeiro é suspeito!

Analogamente a França, porque representa ainda hoje, sobretudo hoje, um terço ou metade da atividade intellectual sobre o globo, é por isso mesmo a mais degenerada, a mais fraca de todas as na-

ções — simplesmente porque é mais forte, — a que trabalha mais!

Todos sabem que o vigor da intelligencia é sempre mais ou menos á custa da saude animal. Depois, sob um ponto de vista muito minucioso, saude e enfermidade são coisas mal distantes. Alem de que os accidentes patologicos, mesmo onde são evidentes, quando acompanham uma elaboração valiosa, filosofica ou artistica, são coisas indiferentes na psicologia sob o ponto de vista de logica.

A voz debil dum tisico pode ser duma extraordinaria força de logica, bem como um gago pode ter uma argumentação cerrada, invencivel.

A psicologia dita patologica abre-nos muitas vezes os olhos, diz William James, para os abismos mais profundos da verdade. Como quer que seja, a psicologia do pensamento tem já alguns pontos de vista fixos, mas apenas num sentido muito grosseiro e rudimentar.

Segundo Gustave Le Bon um grama de radium irradia 1.000.000.000.000 particulas num segundo, emissão que poderia durar um seculo! Ora a massa nervosa que vibra as microscopicas tempestades de movimentos que são como a fisiologia da mais leve intencionalidade de pensamento ou aféto não poderá ser uma concentração de forças analoga á do radium? Demais que tambem na psicologia já se estão observando factos para cuja explicação fisiologica são absolutamente insufficientes as bases da fisica classica.

Os factos a seguir demonstram que tambem os psicologos estão *rodeados de forças gigantescas*.

Os *Annales des Sciences psychiques* referem as seguintes observações de espiritismo, ou antes de psicologia, realizadas em Turim ha alguns meses pela celebre Eusapia Peladino sob a inspeção do dr. Lombroso e em condições da mais rigorosa fiscalização.

Lombroso era auxiliado pelos seus ajudantes drs. Imoda e Audenius.

Assistiram mais um funcionario municipal, um editor, um professor da Universidade de Turim, um engenheiro, dois advogados, etc.

O relator da sessão M. Mucchi, colaborador do jornal de Turim a *Stampa*, ga-

rante as precauções tomadas para evitar qualquer mistificação.

Os principais phenomenos produzidos foram os seguintes:

Uma pequena mão, fechada, rosada e gorducha, o braço envolto numa manga escura, apresenta-se distintamente em plena luz. O colaborador da *Stampa* correu a apertar a mão. Diz que a sentiu *delicada e quente*. A mão dissolveu-se em seguida.

Alguns momentos depois uma aragem fria sai das cortinas que logo se abrem; a seguir vem por ali dentro, só, uma cabeça humana com o rosto palido e descarnado! Pára um momento e desaparece.

Houve outros phenomenos de menor importancia, como: transporte dum tamborete, pancadas estrondosas, luminescencias, etc.

No fim duma sessão o relator pôe a mão sobre a cicatriz profunda que o *medium* tem num dos parietais e sente sair de lá um vento forte, como o halito duma bôca. As pontas dos dedos do *medium* produzem o mesmo sopro, como um *vento electrico*.

Outros phenomenos ainda: uma força misteriosa luta com M. Mucchi quando este pretendia entrar no gabinete. O facto repete-se com outros assistentes.

Um bandolim eleva-se no ar á vista de todos e toca sosinho. Materializa-se uma outra mão, pega no instrumento, pôe-no ao hombro dum dos assistentes, desmaterializa-se e faz musica á orêlha daquelle felizão!

Doutra vêz apresentaram á força misteriosa um dinamometro que marcou logo 2^k de pressão. Os assistentes notaram ao invisivel que era pouco; que em Genova a *força* tinha obtido a pressão de 110^k. Apresentam de novo o dinamometro ao invisivel. Este não podendo reproduzir a façanha de Genova, em vêz de actuar honestamente sobre o ponto de pressão, dirige-se subrepticamente á agulha indicadora e marca 20^k.

Uma *força* descontente despedaça uma mêsca e bate com os destroços nos assistentes.

O *invisivel* distinguu o engenheiro Pombo com uma visita. Uma forma humana, variando de volume, aparecendo ora adulta, reduzindo-se logo á estatura de creança, segura a cabeça do engenheiro e abraça-o.

O dr. Audenius toma um aparelho de Morey e enquanto lhe põe em movimento o tambor exerce-se no exterior uma pressão sobre o cardiografo traçando um diagrama curioso e variado. E' um organismo de metal que regista um esforço desconhecido. «Esta prova, observa o relator, põe de parte a suspeita de qualquer mistificação...»

Para aqueles que ainda dogmatizam sobre a enercia da materia, estes fenomenos são evidentemente patifarias de alacres diabinhos que, em espirros de traço e luzindo com as suas cabecitas de fosforo teriam uma delicia immensa em vir lá uma vez por outra atirar uma marrada travessa contra os narizes postiços da sciencia e das academias.

Eu creio todavia que ali nada ha que um cerebro que está desgregando a sua energia pavorosa.

As visualidades de inteligencia ou de vontade que se objectivam na exteriorização daquelas forças hão de ser somente porque elas vêm vibradas pelo instrumento da razão e do querer. Parecem forças racionais como os sonhos se parecem com os pensamentos, como os actos imperados no automato hipnotizado parecem autonomos.

Se um cerebro, um sistema nervoso, pode fazer girar as suas acções num outro cerebro, noutro sistema nervoso, por que hade ser impossivel exteriorizar-se em outro qualquer meio?

O misterio por que o nosso cerebro faz suspender sem outro apoio mais que seu vivo esforço qualquer objecto distante não é menos compreensivel do que o processo por que um mandato, partindo do mesmo cerebro nos vem levantar um braço, etc. Estamos habituados a presenciar o ultimo fenomeno; o primeiro nunca ou raro o vimos: e eis tudo!

(Continua).

ALVES CORREIA.



AS NOSSAS ILLUSTRAÇÕES

Castro Daire

(Continuação de pag. 189)

(EXCERPTOS DE UMA OBRA EM PREPARAÇÃO)

II

O Castello

No sitio onde hoje se chama o *Fogo da Bola* ou a *Eira*, ao extremo sul da villa, é que existiu o antigo castello, donde, segundo a opinião mais seguida, Castro Daire origina o seu nome.

Este logar, que occupa o ponto mais elevado da colina sobre a qual teve principio a villa, tem lindissimas e extensas vistas panoramaticas, descobrindo-se d'ali muitas povoações e as serras de S. Macario, S. Lourenço, Monte-Muro e muitas mais, menores.

Em 1300, existia o castello.

N'essa epoca passou aqui el-rei D. Diniz, e diz a tradição que os moradores pediram ao monarcha a pedra do castello para com ella construirem uma igreja; o rei lh'a dera e a fizeram.

Pinho Leal, diz — que não concorda, nem acha verosimil esta tradição, por tres motivos: — 1.º, porque aqui ha muita abundancia de pedra e não valia a pena desmanchar o castello e importunar o monarcha por tão pequena coisa; — 2.º, por que n'esse tempo era uma grande honra ter um castello e os d'aqui não haviam de querer perder o seu; — 3.º, porque sendo D. Diniz um incansavel constructor de castellos e torres, mais facilmente consentiria em o mandar reedificar, do que em o deixar demolir.»

Achamos muito acertada a opinião do escriptor.

Semelhante coisa é totalmente inacreditavel; sabe-se que n'aquelles tempos os povos que não possuíam obras de defeza, estavam em perigo constante de serem maltratados pelos *Corredores de Castella*. Demais, ter castello nobilitava uma povoação, de modo que nem o povo pediria ao monarcha a destruição d'este reducto belico, nem um rei tão sensato como D. Diniz deferiria tão louco requerimento.

Mais acreditavel é haver cahido em ruinas, e o povo ir aproveitando a pedra conforme as necessidades que ia tendo, em diferentes construcções de varias casas e paredes. Isso mesmo tem acontecido em toda a parte onde houve fortes, e se desmantelaram, aproveitando-se-lhes os materiaes de cantaria.

*

Esta antiquissima praça de guerra, que o foi segundo a opinião de varios autores, não tinha somente como elemento de defeza o seu castello. O reducto bélico era completo. Possuia tambem o seu fósso ou vallado, de que ainda hoje estão bem claros os vestigios comprovativos da sua existencia, apesar de a sua escabrosidade ser em quasi todos os pontos, cortada com varios muros e paredes, empregados no aproveitamento do terreno para varias culturas.

Do lado do sul, a defeza estava feita naturalmente pelo rio Paiva, e pelo mesmo terreno que era inacessivel; dos lados nascente, norte e poente, é que era indispensavel vedal-o, e isso mesmo fizeram com o dito fósso.

Principiava elle, no sitio do Torneiro, nascendo do rio Paivó, seguindo o extremo da Quinta da Albergaria, onde ainda se vê uma grande escarpa cortada na rocha quasi a prumo, passava no sitio onde hoje é o largo do Conselheiro Alpoim, descia pela Ferraria e Sabugal abaixo, em direcção ao rio Paiva.

Tanto de um lado como do outro, é bem visivel ainda a sua existencia.

No sitio onde hoje são as *quatro esquinas*, é que devia existir a ponte levadiça, que não deixava de a ter.

*

O castello deu origem ás armas da villa que são: — em escudo dividido ao alto, — na primeira metade, as armas portuguezas; na segunda, um castello em campo azul. Encima o escudo uma corôa fechada.

E' assim, conforme a descripção que d'ella fazemos, e o desenho que fielmente reproduzimos, que existem modeladas em gesso no tecto da sala das sessões dos Paços do concelho, e as usa a camara no seu estandarte.

III

O actual Castro Daire

Mais de vinte seculos passaram sobre aquellas pedras que constituiram o que hoje é Castro Daire e que então era uma fortaleza quasi inexpugnavel, por isso que muitas vezes devia conter em respeito, as invasões que do norte se dirigiam para o sul e vice-versa.

D'isso não resta duvida, pois a analisar o local, a sua posição e constituição geologica ha-de convencer-se de que, attentos os vestigios, ali se guerreou, venceu e succumbiu.

A sua antiquissima ponte, construida pelos romanos sob o governo de Caio Julio Cesar e que em 1877 foi demolida para nos seus alicerces naturaes se reconstruir a actual obra elegantissima de architectura moderna, dá-nos d'isso uma ideia mais que presumivel, senão real da importancia de tal ponto estrategico.

Desde os tempos primitivos, por ali passaram as gerações, sendo por muitos seculos a sentinella vigilante no meio de *Lama* (Lamego) e *Vacca* (Vizeu). Combatida e arrazada, o seu castello foi o ultimo reducto que se rendeu ao descuido e barbaridade dos seus habitantes!

O *Castrum* dos romanos não perdeu o sitio e a memoria das suas antiguidades como tantas outras povoações da Lusitania, cujo local ainda hoje totalmente se ignora. Despovoada e repovoada por varias vezes, só depois do Conde D. Henrique haver tomado aos mouros as terras de entre Douro e Mondego, é que Castro Daire se recostou senhoril no seu leito de granito. Ainda por muitas vezes as divisões invasoras de hespanhoes e francezes, e mesmo os preludios das nossas guerras civis a vieram despertar, mas não assolar como out'ora.

A partir do constitucionalismo, Castro Daire voltou á vida do progresso, que mais se accentuou a partir de 1880 com a conclusão da estrada de Vizeu a Villa Real.

E' hoje uma das principaes villas do districto de Vizeu em população e riqueza. Muitas das terras incultas do concelho vão sendo arroteadas e a valorisação agricola duplica de dia para dia. Pena é que as suas vias de communicação estejam reduzidas ás estradas de S. Pedro do Sul e Lamego, e

pouco mais. Quando a ligação com o caminho de ferro do Douro pelo Valle do Paiva e a communição com a sede do districto pelo Almagem fôr um facto, e quando a Camara Municipal tome a iniciativa de ligar Castro Daire com Villa Nova do Paiva, então poderemos dizer que o progresso e o desenvolvimento commercial e material é completo. Se hoje sômos alguma cousa, então seremos muitissimo.

O Castro Daire de ha cincoenta annos não era uma sombra do de hoje; a povoação reduzida, com as suas casas enegrecidas, irregulares e de somenos apparencia, transformou-se na villa risonha, senhoril e elegante, que pompêa na margem direita do Paiva, onde a natureza fez um reducto formidavel.

O sitio é encantador: «a verdadeira Suissa de Portugal», no dizer de um abalizado escriptor contemporaneo.

No decorrer d'esta obra o leitor encontrará a descripção de todas as bellezas que são a admiração dos *touristes* que annualmente nos visitam.

(*Continúa*).

Fareginhas, 27 — IX — 907.

AYRES PINTO MARCELLINO.

BIBLIOGRAPHIA

Compendio de Historia ecclesiastica, por el Dr. F. X. Funk, Profesor de Teologia en la Universidad de Tubuiga — Traduzido de la 5.^a edición alemana por el P. Ramóu Ruiz Amado S. J. — Barcelona — Gustavo Gili, editor.

O compedio de Historia ecclesiastica do já celebre auctor da classica edição dos *Patres Apostolici* é bastante conhecido, para que careça da nossa apreciação.

E' o livro de texto em muitos institutos d'ensino ecclesiastico da Allemanha, da França e da Italia; e o acolhimento, que lhe deram os mais abalizados cultores da sciencia historica, dispensa-o de novos elogios.

O que d'elle podemos affirmar é o seguinte: resume, com a maxima exactidão, tudo quanto de solido e de novo tem brotado das pennas dou-tissimas d'um De Rossi, d'um Duchesme, d'uns Bollandistas, d'um P. Savio, d'um Guisar, d'um Pastor, d'um Hergenroeter e de muitos outros historiadores modernos.

Segue um plano mui distincto dos antigos compendios, prestando-se para um novo methodo de ensino, mais scientifico e mais logico. E' que une, á ordem chronologica, uma ordem logica da exposição dos factos.

Para que os leitores da «Voz» melhor o apreciem, eis em poucas linhas todo o plano do auctor na confecção d'este compendio: Distingue como todos, tres grandes edades na historia da Igreja, cada uma das quaes é dividida em varios periodos. Em cada periodo, porem, distingue logicamente duas evoluções da mesma Egreja, sob cada uma das quaes agrappa os factos respectivos: — uma *evolução externa*, que é a Egreja evangelizando os povos, lutando com os perseguidores e com tudo o que impede a sua expansão pelo mundo, estabelecendo, ampliando e defendendo sua autonomia politica ao lado das nações, como sociedade civil etc. — uma *evolução interna*, que é a Egreja evolucionando na magestade de sua gerarchia, nos esplendores de seu culto, no brilho das virtudes de seus cantos, na salvaguarda restauração dos costumes, na sabedoria de suas leis e fecundidade de seus apóstolos, na evolução e vitalidade da vida monastica, na pugna contra a heresia e contra o erro pela sabedoria de seus doutores etc, etc.

Este methodo de estudar os factos tão numerosos e variados da historia da Egreja, seguindo estas duas evoluções, evita essa interrupção irracional ou essa passagem brusca d'um facto para outro d'uma ordem mui diversa, que se verifica no methodo puramente chronologico.

Recommendamos, pois, mui encarecidamente este Compendio aos apaixonados pelas sciencias historicas, na persuasão de que lhes prestaremos d'este modo um grande auxilio para os seus estudos.

Ao Editor que nos fez a gentil offerta d'um exemplar, os nossos mais profundos agradecimentos.

G.

Catecismo para os parochos — *segundo o decreto do Concilio de Trento. Tradução de Mons. Manuel Marinho — por ordem do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sur. Bispo do Porto.* Vol. II. Editor: José Fructuoso da Fonseca — Porto.

O presente volume não carece de recommendação; porquanto elle não faz mais que reproduzir a mesmissima doutrina já vulgarizada e auctorizada por dois Romanos Pontifices Pio V e Clemente XIII, o que é a melhor garantia de seu valor e orthodoxia.

Accrescem para maior merito da obra, a lhanza e simplicidade de linguagem que Mons. Marinho imprimiu á sua tradução tomando assim a leitura da obra um verdadeiro gosto e entretenimento espirital.

Escusado será dizer que a aquisição d'este *vade mecum* sacerdotal é indispensavel a todos os parochos e capelães para cumprirem como convem e sem grande trabalho as novissimas disposições pontificias no tocante a homilias e catecismo tanto aos adultos quanto ás crianças.

A. ARAUJO.

Lecciones de Cosas en 650 grabados.
Tercera edicion corregida y aumentada.
Gustavo Gili — Barcelona.

Os leitores já conhecem este livrinho de ensino graphico e de summa utilidade para as creanças. E' certo que as creanças deixam-se impressionar mais pelo que vêem que pelo que ouvem, e porisso tanto mais aproveitarão das nossas instrucções, quanto mais exemplificados e mostrados á vista forem os conhecimentos que lhes subministrarmos. O livro de Colomb não teve outro fim nem se guiou por outro principio; o resultado não pôde ser outro tambem.

Com as noções geraes do livro ampliadas pelo professor e com as gravuras á vista, as creanças apprendem, divertindo-se, os conhecimentos usuaes mais indispensaveis e mais praticos.

E é preciso facilitar tanto quanto possivel a instrucção, que a todos custa e a muitos até desagrada.

O trabalho desta terceira edição é digno de todo o elogio. Ao editor os nossos agradecimentos.

CASTRO.

Os Lusíadas para as Escolas e para o povo. Livraria Figueirinhas. Porto.

Recebemos os dois ultimos opusculos publicados, comprehendendo os cantos III e IV. Tanto o trabalho material da impressão como o trabalho literario a que se votou o talento do Sr. José Agostinho continuam correspondendo cabalmente ao fim que o auctor e o editor se propozeram nesta obra, de tornar os Lusíadas comprehensiveis e ao alcance de todos os portuguezes.

Se quizessemos dizer o contrario, levantar-se-iam contra nós todas as linhas das parafrases, das notas e do vocabulario que acompanham cada canto como a allumiar-lhe os logares mais obscuros, para que nada se oculte á curiosidade do leitor.

Os assignantes desta publicação devem estar satisfeitos. Da nossa parte a approvação é completa.

CASTRO.

Vida de S. Francisco de Salles, pela *Estrella do Norte*. — Livraria Figueirinhas, Editora. — Porto.

São cem paginas de correcto estylo, que significam ao leitor o merito do grande Santo de Salles, o valor do grande Apostolo da *consolação e brandura de espirito*.

O auctor comprehendeu que o nosso publico illustrado, ao ler a vida dos nobres vultos da historia, não se prende com datas e factos desguerrados, para só lhes apreciar a dignidade intellectual ou mystica. Para lhe satisfazer, deixou de ser um chronista para se occupar mais diffusamente das manifestações psychicas do preclaro Doutor, que se propõe descrever.

Depois de apresentar a origem aristocrata de Francisco de Salles, a nobreza e sentimentos de seus progenitores e de narrar em resumidas paginas a juventude do Santo, onde a fidelidade da expressão e a nitidez da phrase permittem ao

leitor interpretar facilmente a vida intima do piedoso jovem, passa a consideral-o como apostolo, como escriptor e como mystico.

Traduzindo a coragem, convicção e constancia de Francisco, o auctor apresenta-o como o mais glorioso missionario da Suissa, sem lhe serem necessarias grandes narrativas de digressões. Estudando os escriptos do distincto Doutor e valendo-se das autoridades contemporaneas do mesmo, faz uma justa e racional critica das obras que o immortalizaram. Analysando emfim, o character particularissimo da doutrina mystica do Santo, põe em relevo a philosophia da santidade que o distinguiu na vida ascetica e governo das almas.

E' verdade que, pretendendo o auctor estudar com mais insistencia as manifestações do espirito de Francisco, podia ser um pouco mais completo e garantir ao publico, sem se tornar pesado, uma ideia mais acabada da psychologia do Santo, especificando tudo quanto se pode deduzir das obras que elle transmittiu á posteridade. Este trabalho condecorava-o com uma brilhante coroa de honra e destruia mais um pouco a grande lacuna da nossa litteratura, produzida pela falta de estudos completos sobre os grandes homens. Todavia, ousa afirmar com justica e sinceridade, que talvez a indole do seu folheto lh'o não permittisse e que, ademais, a obra que acaba de publicar offerece a qualquer leitor ideias seguras sobre a actividade intellectual e mystica do celeberrimo Doutor da Igreja.

Louvando a *Estrella do Norte* pela sua modesta publicação, agradecemos o exemplar que nos offertou.

B. ALVES PEREIRA.

Apologetica Popular, por André Godard. — Collecção «Sciencia e Religião». Vol. XLI.

O fim do auctor é resumir os diversos aspectos, por que a verdade religiosa pode ser exposta aos espiritos no actual momento histórico: para isso examina a questão sob o ponto de vista histórico, scientifico e racional. O método não me parece mau, mas não raro o auctor deixa o programa incompleto, por vezes até interpreta-o de um modo pouco scientifico.

No primeiro capitulo — *Apologetica historica* — esforça-se por fazer ver que todas as religiões e seitas, antigas e modernas accusam no seu fundo uma relação qualquer com o Monoteísmo dos Judeus e com o seu complemento — o Christianismo. «Uma das principais conquistas da theologia contemporanea, diz, foi ter substituido a ideia das religiões *falsas* pela ideia das religiões *derivadas*», (pg. 20). Tanto a filologia orientalista, como a egiptologia e assiriologia confirmam a verdade da Biblia. Através da história vemos sempre a Providência presidir aos destinos da humanidade e entre os mesmos idólatras e pagãos suscitar homens, que intreviram mais ou menos a noção do verdadeído Deus e conformaram a sua vida com a moral mais pura.

O auctor parece restringir o papel da apologetica histórica aos tempos anteriores ao Christianismo. E' necessário estudar a sua preparação,

mas é também indispensavel ao apologeta fazer ver que os fructos que elle operou desde a sua fundação até nossos dias sam uma prova muito mais inconcussa da sua divindade. E', por exemplo, um capítulo tam extenso, como comprovativo o mostrar que a civilização moderna é o fructo espontâneo da doutrina christan. E' verdade que no capítulo 4.º — *As conquistas da Igreja* — o auctor nos faz assistir á maravilhosa extensão da Igreja, á sua penetração em todos os cantos da terra e em milhões de corações, apenas no século XIX, século em que foi certamente mais combatida do que nunca. Vemos todos os povos convergir para Roma e «nunca a influencia espirital do papado foi tam preponderante como hoje, mesmo entre as nações heréticas». (pg. 68) O processo que o auctor empregou para o século XIX devia indical-o para todos os que o prece-deram.

No capítulo 2.º — *Apologetica scientifica* — também se notam algumas inexactidões. O modo como Godard diz que se deve combater o transformismo dá-nos a ideia de quem não comprehendeu ainda o estado da questão. Se a sciência inda não pôde fazer tese da hipótese evolucionista, não é o caso para se dizer que ella é *anti-scientifica*, como se afirma a pag. 32. E vir-nos dizer que nunca se viu transformar uma ran num ipopótamo (pag. 33), nem uma concha num homem (pag. 32) é ou má fé — o que não supponho — ou não perceber nada do que se trata. A tudo o que diz o auctor devo acrescentar que quem hoje quisér tratar este ponto da defêsa da Bíblia perante os descabidos ataques da sciência, deve prescindir de toda a pretensão de querer concordar a narração da S. Escritura com as sciências. Esse método é hoje descabido e sem fundamento. Antes do que andar todos os dias a mudar de interpretação, façâmos ver que a Escritura nada tem a temer das sciencias, porque o seu fim não é scientifico, mas religioso e místico o que não é o mesmo que errôneo.

Ao terminar este capítulo certamente que a linguagem atraiçou o pensamento do auctor quando disse que «o peccado original não é mais que a applicação espirital da lei do atavismo». Pode dar lugar a equívocos aquella expressão tam exclusivista.

Ao capítulo 3.º — *Apologetica racional* — falta a apresentação do primeiro fundamento da apologetica em nossos dias tomada sôb este ponto de vista. A quem nega a liberdade christan perante os dados da razão é preciso fazer ver que não é a mesma liberdade d'exame, que ao católico nunca é proibida, e liberdade de pensamento, que é contrária a sciencia, que trata do que é necessario e não do que é livre e discutivel. Torna-se necessário apresentar o verdadeiro conceito de sciência e da fé. Estabelecida a existência de Deus pela razão e provada a Revelação pela história, o Christianismo apresenta os dados racionais exigidos pela mais profunda de todas as lógicas.

Feitas estas advertências, recomendo a leitura do livro a quem deveras se interessar por uma exposição racional e moderna da doutrina christan ao povo, que precisa de quem responda «efficazmente em pamphletos, em revistas populares e nos jornaes aos ataques perfidos, que sob

a forma de chronicas historicas ou scientificas, enchem uma imprensa materialista, que se espalha até á mais humilde cabana» (*Prol.*, pag. 6). Porquanto o que hoje nos faz falta não sam apolo- gias profundas, mas «vulgarisadores da apolo- gética». E' preciso acudir ao scepticismo religioso que começa a invadir as massas e a aparta-las da Igreja pela razão de que ella tem sido «habil- mente atacada e pouco habilmente defendida.»

O capítulo 6.º — *A Predica efficaz* é muito recomendavel, porquanto é sobretudo nelle que o Snr. Godard apresenta as bases dum programa d'apologetica inductiva e indica os meios práti- cos de o fazer executar com proveito em nossos dias.

A. EMILIO.

Las Confradias y Congregaciones Ecle- siasticas. Tratado Canonico - com nume- rosas anotaciones sobre las terceras Orde- nes Seculares — por el Padre Ferreres S. J. Gustavo Gili — Barcelona.

E' um volume de 216 paginas onde com bom criterio e muito conhecimento de causa se estuda um bom par de questões atinentes ao direito cano- nico em geral e ao direito regular em especial. O Padre Ferreres resolve alli muitas questões, nada triviaes, e que muito devem interessar aos directores de Confrarias, Irmandades e Ordens Terceiras. A todos ahi fica recommendada a obra e ao Snr. Gustavo Gili o nosso reconhecimento pela offerta.

Agenda Bijou. — Da acreditada livraria Cruz e C.^a d'esta cidade recebemos esta agenda, que se pode dizer o mais *chic* que no genero se conhece. Agradecemos o exemplar offercido.

Recebemos e agradecemos:

○ **Ajudante da Missa**, pelo Padre Roberto Maciel. Braga, 1907.

La Accion del Sacerdote en la Prensa. Conferencia del Excmo y Rdmto Snr. Obis- po de Jaca Dr. D. Antolin Lopez Pelaez.

Teoria del dibujo por D. Alberto Com- melerán.

Motores de Gaz, de Alcohol y de Pe- troleo por V. Calzavara.



Revistas & Jornaes

A Saude. — Nas capas traz o seu elogio. Lá vem escripto: Revista mensal que por meio de tratamentos naturaes ensina a manter, robustecer e restabelecer a saúde.

E' verdade e é toda a sua recommendação.

Por um preço aliás modico, 750 reis por anno, todos pódem receber mensalmente a visita deste medico desinteressado, sabio e cuidadoso da nossa saude que nos administra sempre conhecimentos uteis e remedios os mais efficazes.

E é um medico que se torna indispensavel a todas as familias. Por emquanto apparece-nos com muita modestia e pouco apparatus, mas diz que vai crescer de condições e introduzir em casa melhoramentos que deverão ir muito longe.

Assim os crêmos e desejamos.

Vera-Cruz. — Recebemos do Brasil este quinzenario politico, litterario e humoristico, de larga circulação em Santos e S. Paulo. Grande formato, distinta e variada collaboração, o presente numero é illustrado com gosto e arte pelos retratos de homens mais ou menos salientes na politica, nas sciencias, nas artes, ou conceituados pelas suas boas qualidades e merecimentos.

Honra a primeira pagina o retrato do Conselheiro Dias Ferreira, acompanhado d'uma extensa biographia.

Agradecendo a remessa, desejamos ao collega todas as prosperidades.

Assignatura: Anno 10\$000 reis, semestre 6\$000 reis.

La Hormiga de Oro. — Em Hespanha é a Illustração Catholica por excellencia. O numero 46 desta importante revista vem com texto abundante, variado, ameno e de utilidade. Na sua parte artistica vemos numerosas gravuras, todas de actualidade e de mais ou menos universal interesse, resultando um numero summamente curioso e interessante.

Destacamos as illustrações da reedificação de S. Francisco da California.

Assignatura no estrangeiro 16 pesetas.

Etudes Franciscaines. — O numero de outubro é extraordinariamente grande, compreendendo duzentas e vinte paginas, repletas de sã e instructiva leitura. Afóra a primeira parte da Encyclica do Santo Padre sobre o modernismo, todo elle é dedicado a S. Francisco, criticamente estudado em quatro artigos de todo o valor, merecimento e não menor importancia: *Saint François d'Assise*, P. Gratien, *La mort de Saint François*, P. René, *Vie inédite de saint François*, P. Ubald, e *Sermon inedit de Guiard de Saon*, P. Théobald.

Os Padres Capuchinhos de França teem nos seus *Etudes Franciscaines* mais uma prova, que muito os honra, do seu zêlo, do seu trabalho e da sua sciencia. Nos estudos da sua Ordem tomaram uma parte que a ninguem passará desapercibida.

Recebemos tambem o **Relatorio da Pia União de S. Antonio da Mouraria, Bahia**, e um folheto muito bem impresso, historiando a devoção do Rosario, que a Pia União distribuiu como lembrança. Mais duma vez temos elogiado este fervoroso Centro e não deixaremos de o elogiar, emquanto não affrouxar o zêlo que o enthusiasma e distingue.

A todas as Revistas e jornaes que tiveram as mais captivantes e delicadas palavras de elogio para com a nossa humilde revista e o nosso Almanaque de 1908, os nossos sinceros agradecimentos, e que Deus e Santo Antonio protejam as suas emprezas e abençoem os seus trabalhos, coroados de todas as prosperidades.


 ✨ ✨ **Chronica Universal** ✨ ✨


PORTUGAL



congresso nacionalista realizado em Braga nos ultimos dias de outubro parece ter deixado impressão de unanime agrado. A mesma imprensa estranha ao partido tem-se referido com elogio á assembleia nacionalista; e dos transumptos que pelos jornais vieram deduz-se que a eloquencia dos oradores se elevou a uma temperatura bem sufficiente para nêla arder de entusiasmo e de patriotismo a numerosa assistencia.

Todos sabem, não obstante, qual é, na doutrinação das multidões, a função da eloquencia e da retorica: é de dispôr para em seguida encaminhar pelo raciocinio. Fôra disto a oratoria é apenas um enorme, um pavoroso trombone que só serve para rachar o ar. Aqui, outra coisa que não fosse, para duas coisas serviu o entusiasmo dos oradores: fundir os egoismos na coêsão do interesse social, coêsão de que se ha-de deduzir a orientação partidaria a seguir, e para demonstrar, contra muita gente que *a priori* o insinava, que o partido nacionalista é na realidade uma coisa diferente duma rabujenta mania de velhos reumaticos que teimaram em se ficar para aí a marrar caturrismos pêrros e enferrujados.

A principal importancia do congresso não está na solução pratica e definitiva das questões discutidas, parece-me, mas antes na maneira digna por que se procurou conciliar-lhes o interesse publico. Doutra parte estas soluções não devem ter nunca o caracter immovel mas penderão sempre duma selecção de alvitres sensatos.

Daqui se compreende que a par de conclusões de muito alcance, o pensamento dos congressistas se fixou tambem noutras de feição evidentemente empalhada.

As «Conclusões» desde a 1.^a á 5.^a foram consagradas ao trabalho da organização do partido.

Na 6.^a «o Congresso afirma a necessidade de restaurar as antigas e heroicas virtudes do povo portuguez, tão solemne e gloriosamente memoradas na historia do mundo» . . . Para isso o Congresso julga necessario «pôr de lado, como deprimemente e aviltante, a imitação servil do estrangeiro, o que não quer dizer que se isole a nação das correntes civilizadoras, que movimentam o mundo mas que nêlas se faça a devida destrição da verdade e do erro, e a verdade se utilize somente afeiçoada á indole e ao caracter portuguez».

Esta conclusão parece-me ter uma indole

agigantada de mais, uns ares de Adamastor que não permitem saber-se á primeira vista o que quer dizer. Faz lembrar o argumento dum conto epico redigido á pressa numa prosa sintetica de telegrama. Em todo o caso a evolução dum passado glorioso é sempre um bom incitamento para o futuro . . . A não ser por este lado as virtudes heroicas não servem absolutamente para nada. O que Portugal precisa é de ser um grande ou pelo menos um honesto trabalhador. E o grande Portugal historico foi apenas um sublime pirata, que *Asia e Africa andou devastando*.

Quanto ao outro ponto de não imitar o estrangeiro sem previa *desrinça da verdade do erro* e da verdade afeiçoada da não *afeiçoada* cumpria saber-se praticamente em que prego está pendurada essa admirável poeira psicologica . . .

A 7.^a conclusão afirma a necessidade do descanço dominical.

Na 8.^a reclama-se do estado o respeito devido á Religião, para que estado e Religião se possam reciprocamente auxiliar na «resistencia á onda demolidora da Revolução.»

O enunciado geral não me parece de todo o ponto justo. Assim como no existente ha bom e mau tambem a revolução pode ser boa ou má. A proposito desta conclusão e da seguinte note-se que todas as forças gastas no intuito de algemar as forças inimigas seriam tempo perdido. A alfandega das ideias é coisa impossivel de se exercer com eficacia. O melhor seria contrapôr-lhes razão a razão, argumento a argumento, livro a livro, etc.

Suponho entretanto que o alto criterio que dirige o partido, não obstante o abuso da formula geral dessa condemnação sumaria, saberá discernir, em se vindo á pratica, os justos limites duma transigencia razoavel. E afinal estas observações impertinentes só as trago no intuito de frisar bem esta passagem bem significativa do discurso do Revd.^o Padre Pinheiro de Sousa.

Diz o esclarecido orador «que não arguirá de perseguidores da Igreja e da Religião aqueles que collocaram a instrução fóra do alcance dos padres só porque exigem habilitações que estes por ora não possuem. Se fossem excluidos só pelo titulo de serem padres, razão achava para protestos enérgicos e ceixas amargas. Mas não é assim por ora, diga-se em abono da justiça e da verdade. A lei exige aos padres o que exige a todos; aceita aqueles como quaisquer outros individuos quando apresentam as habilitações legais».

Na 10.^a conclusão o Congresso «afirma que a liberdade, a equaldade e a fraternidade, que tem por base a doutrina cristã, longe de se oporem ao desenvolvimento progressivo das sociedades são outro fator mais poderoso para a realisar.»

11.^a «O nacionalismo deve empenhar o seu esforço na constituição da democracia sobre as solidas bases dos principios cristãos» e combater o individualismo pela «organização das classes.»

A 12.^a confirma o já estatuido nos congressos de Viana e Porto sobre as relações da Igreja e do Estado.

A 13.^a e 14.^a tratam da disciplina e imprensa partidaria.

Na 15.^a «O nacionalismo afirma a necessidade do robustecimento do prestigio moral e intelectual do clero português, etc.

A 16.^a «afirma a necessidade de remedio pron-

to ás lamentaveis condições da vida material a que se acha reduzido o clero paroquial.»

As conclusões 17.^a e 18.^a versam sobre questões da vida colonial, defeza militar, a necessidade de contratos comerciais, a nacionalização da pesca na costa portugêsa etc.

Finalmente a 19.^a trata da necessidade de se formarem caracteres.

Agora sobre caracteres . . . nem pio . . . ninguém pode dizer que haja dois em Portugal.

Ha só um!

Está definido. Muitos jornais suspensos, quasi todos querelados para que se saiba que ha um *caracter* só!

Todas as outras questões morreram com a questão dos *caracteres*. A irritante discussão politica acêrca do facto da resignação do Em.^m Cardeal D. José Netto, ex-patriarca de Lisboa, — facto que, diga-se de passagem, bom seria que mais depressa tivesse saído da algararra jornalística; os projetos do *blóco* e a sua restauração de *normalidades constitucionais*; as grandes festas para o dia dois de janeiro em que — o blóco não passa duma ridicula comedia, como, creio, dizia o sr. Julio de Vilhena — se havia de «ouvir a voz da nação, marcando o futuro dos seus destinos» e isto «desde a mais remota aldeia até aos centros mais populosos» — festas magnas, em que o sr. José Luciano de Castro «pela sua antiguidade como presidente do conselho, como conselheiro de Estado, como ministro, como deputado, como chefe de partido, como director geral do blóco» teria de ir dar alguns pinchos de *viva a alegria!* por nos ter sido restituído o parlamento! — e se não havia de ser comovente ver o bom do velhinho, ver o ração do velhote, saltando, atirando-se ao ar, com aquele vivo contentamento dum rapazote que adquiriu um pião novo! — e tudo fugiu á esperança dos mortais, e tudo isto ficou paralizado por causa da maldita questão dos *caractères!* . . .

Quando passou a outra cronica viu o *Character* ás escanchas na burra da velha dictadura. Já outras tinham visto o mesmo. Ainda se não mexeram. São de bronze! Ficarão assim por todos os seculos dos seculos? O *Character* terá guardada no bolso de dentro do seu paletó alguma carta constitucional, que êle, *Character*, um dia hade sacar de lá com a sua generosa manapula de bronze para a outorga a Portugal, imitando o gesto magnanimo dos *dadores* que ficaram pelas praças das nossas cidades oferecendo cartas eternamente?

Ha por aí quem tenha visto uma galinha espalitando os dentes augurando que sim?

Haverá.

Entretanto alguns velhos monarchicos vão desandando para a republica.

E já dentro da minha cronica se me introduziu, humoristicamente illustrado com algumas dadas de tinta, o insinuante e simpatico nariz de Argus, ali da cronica ligeira, cavalheiro muito illustre e inteligente, e que, segundo êle mesmo diz, já foi ministro de Sancho Pansa no governo da *ilha*; primeiro ministro do rei Paulo, do rei Pedro, do rei Martinho, de D. Quixote, do conselheiro Accacio (deste tambem?) — este illustre cavalheiro, que hoje é digno ministro de Deus Nosso Senhor, perguntava-me se deveria tambem êle seguir o exemplo que já lhe tinham dado um mês

depois (a cronologia é livre) os srs. Augusto José da Cunha e Anselmo Bramcamp Freire...

Desgraçadamente a minha cronica era dessa vèz, como sempre, uma crêspa urtiga crescendo entre os cacos das coisas que se vão; o simpatico nariz picou-se e foi-se.

ALVES CORREIA.

ESTRANGEIRO

Summario. — *A calma política.* — *A visita de Guilherme II a Eduardo VII.* — *A questão americana.* — *As eleições na Russia.* — *Continua a guerra religiosa em França.* — *Os escandalos da còrte de Berlim.* — *Coisas de Hespanha.* — *Eleições municipaes na Belgica.*

A' calma atmospherica correspondeu a calma política. Os signaes das tempestades politicas que sobresaltavam os povos desapareceram com as inundações, temporaes e trovoadas que pairavam aterrorizadas sobre as nações meridionaes. O verão de S. Martinho com o céu azul e noites de luar beneficiou tambem a politica internacional.

A darmos credito ás ultimas noticias que nos veem do estrangeiro a amizade da Inglaterra e Allemanha é agora inquebrantavel; os brindes trocados entre Guilherme II e Eduardo VII são a garantia de uma paz duradoira; o conflicto entre o Japão e os Estados Unidos passou á historia em vista da questão financeira que asoberba o governo americano; a viagem da esquadra ao oceano Pacifico viza apenas a proteger os estrangeiros na China, caso a morte da imperatriz do imperio celeste vá causar grandes transformações politicas; a revolução na Russia chegou ao seu termo em vista do resultado das eleições; a nova Duma será o governo ideal ha tanto tempo esperado que introduzirá a ordem no interior e o prestigio no exterior...

Se o papel do chronista se limitasse a apontar os factos com summo gôsto terminavamos aqui, deixando o leitor convencido deste optimismo; mas não o sendo sentimos dizer-lhe que se não illuda; a situação internacional não melhorou, a não ser aparentemente. As causas da sua gravidade não ha ninguem que as não veja ainda.

A visita do imperador Guilherme a Eduardo VII revestiu uma certa importancia; falou-se mesmo que o imperador fizera um grande sacrificio para a levar a effecto e os brindes foram certamente cordiaes; mas acabado o enthusiasmo do momento, a situação permaneceu identica: as desconfianças não diminuiram; os preparativos bellicos continuaram. E com razão. Ainda que Guilherme II seja um politico bem intencionado e trabalhe sinceramente pela grandiosa obra da paz, não poderá atraícoar os interesses do imperio; se esses interesses correrem um dia perigo não hezitará um momento em declarar guerra á Gran-Bretanha apesar de se mostrar tão amigo da Inglaterra. E o mesmo fará o rei Eduardo VII.

Alem disto as visitas regias, hoje, não teem a importancia que á primeira vista aparentam; os abraços de dois monarchas na questão da paz ou da guerra não valem coisa nenhuma. Isto por

uma razão muito simples. Os povos hoje não são dos reis; os reis obedecem aos povos com detrimento mesmo das suas amizades pessoases. Poder-se-ia ver o contrario em povos que não tenham ainda a consciencia dos seus direitos; mas a Inglaterra e a Allemanha não estão de modo algum neste caso.

Ora a situação das duas nações é de tal ordem que uma amizade entre as duas còrtes não mudará sensivelmente nem inspirará confiança alguma. Trata-se da hegemonia na Europa; Quer perdê-la a Inglaterra? quer conquistá-la a Allemanha? A resposta não offerece difficuldade. Poderá esta questão ser resolvida nos gabinetes politicos? Cremos que não; praza a Deús que nós enganemos.



CASTRO DAIRE (AVENIDA DAS ACACIAS)

A questão americana aproxima-se tambem muito desta. Dir-se-ia que a scena é a mesma e que o theatro é diverso. E' verdade que o Japão aproveitou a occasião em que a grande Republica norte-americana lueta com uma gravissima questão financeira, para lhe impôr um tratado que, a effectuar-se, seria necessariamente vantajoso para o imperio do sol nascente. E ninguem pode levar a mal que o Japão aproveite as circumstancias favoraveis para resolver o conflicto existente. Mas quem reflectir um momento verá logo que a solução não poderá ser duradoira por isso mesmo que é forçada; e que, mudadas as circumstancias, os Estados Unidos desrespeitarão um tratado feito numa hora angustiosa. Esta é

tambem a opinião japoneza que, diga-se de passagem, mostra comprehender toda a gravidade do conflicto não se deixando embalar em sonhos côr de rosa, mas que afinal... são sonhos. A's palavras de paz e fraternidade que lhe dirige a imprensa americana arma-se, lançando ao mar novos cruzadores superiores mesmo aos inglêses.

Na Russia as coisas igualmente não correm bem. As eleições deram effectivamente uma grande maioria ao governo, julgando os moderados poder assim o governo conter a revolução que parecia prolongar-se indefinidamente até derrubar o colosso. Conseguil-o-ão? Duvidamos. As eleições agora feitas na Russia não representam uma parcella de força a mais na balança governamental. As perseguições de todo o genero se arrancaram uma maioria de votos arrebataram tambem toda a auctoridade moral ao governo de Stolypine. Se a Russia continuava revolucionaria, o seu estado não soffrerá mudança alguma. E depois que esperar dum parlamento que não tem comprehensão nenhuma da liberdade compôsto quasi exclusivamente de grandes proprietarios refractarios a todas as reformas que custam qualquer sacrificio a si proprios? E por outro lado havendo uma opposição desorientada, revolucionaria que, se não conta elementos na Duma, possui uma enorme força espalhada por todo o imperio, nas escolas e no mesmo exercito e armada?

Em tempo talvez fôsse possivel atalhar a revolução; hoje o seu desfecho é inevitavel. As medidas violentas já não poderão conter-lhe o passo. Falta ao governo russo o apoio para as reformas annunciadas: a religião. O Czar na sua desorientação politica, consubstanciou em si todos os poderes, mesmo o religioso, introduzindo assim a anarchia no clero que depressa a communicou ao povo. A religião ficou sendo apenas um elemento para o engrandecimento do Czar; dahi o seu desprezo. E abalado tão profundamente o principio religioso, a Russia cahiu na anarchia.

O mesmo parece tambem um dia succederá na França. O governo não ensarilhou ainda as armas contra a Igreja; cada dia procura vibrar-lhe novos golpes. Foi o que se notou agora no parlamento francês na discussão duma questão que surgira em vista do novo regimen da separação da Igreja do Estado. Ao pedido dalguns deputados para que se eliminasse completamente o ensino religioso nas escolas, o parlamento determinou conservar ainda a cadeira de religião mas obrigou os estudantes que queiram frequentar esse curso a pagar uma verba especial. De maneira que a religião para o governo francês fica sendo uma coisa inutil, curiosa como as cerimonias dos *fetiches* ou como os costumes dos hotentotes!...

Apesar disso, é necessario fazer justiça ao governo francês — e nunca será demasiado dizelo — a responsabilidade cabe quasi exclusivamente aos catholicos. São elles mesmos que o confessam. No congresso catholico de Lille o bispo de Grenoble caracterizou muito bem a inutilidade e inefficacia da acção catholica descrevendo-nos magistralmente o erro de certos catholicos que tem andado á procura dum Messias que restauraria todas as coisas, descuidando por isso toda

a acção eleitoral autonoma. E como esse Messias sempre esperado ainda não se lembrou de aparecer, os catholicos vêem-se agora desorganizados, sem os religiosos nos conventos, sem o Christo nos tribunais e nas escolas. E em consequencia disso vêem a estatística da criminalidade augmentando sempre a ponto de Pariz ser hoje uma das cidades onde o habitante se encontra mais em perigo. Os *Solleilant* aparecem em todas as ruas, o crime irrompe com uma frequencia inacreditavel e inspira serios receios aos mesmos radicaes que se levantam contra *Fallières* que parece resolvido a abolir a pena de morte, poupando a cabeça a *Solleilant*. Os novos apologistas da pena capital julgam ser este o unico meio que poderá livrar a França da anarchia. Pura illuzão! De que valerá a existencia da pena ultima quando os dirigentes da França são os primeiros a vir a campo proclamar o atheismo e por consequencia ensinar que a moralidade é uma palavra vã, a justiça um crime, o bem um myto? E que o governo francês está atacado de atheismo provou-o ainda ha pouco claramente mandando substituir no *Diario Official* a palavra *Providencia* por *Natureza* que o *ingenuo* rei de Hespanha teve a ousadia de pronunciar num brinde feito a Mr. *Fallières*. E' ridiculo isto, pois não é?

O meio de contrariar o mal está na conversão da França ao catholicismo. Foi esta a ideia predominante no congresso catholico ha pouco celebrado em Lille. Este congresso que é o mais brilhante que se costuma celebrar em França revestiu, este anno, uma imponencia desusada pela quantidade e qualidade dos congressistas. Os discursos pronunciados foram praticos e calaram profundamente no auditorio. O bispo de Grenoble apontou desasombradamente o caminho a seguir pelos seus collegas no episcopado e clero inferior na actual conjunctura.

Outros oradores rompendo os velhos moldes da eloquencia francesa apresentaram meios praticos de sustentar a torrente que ameaça subverter a França.

Será tudo isto a repetição duma basofia velha ou o despertar religioso da grande nação francesa?

Uma attitude inteiramente diferente segue o imperador Guilherme II. A Allemanha foi agora sobresaltada por hediondos escandalos descobertos em personagens da côrte. Ninguem imaginava que homens exercendo altos cargos de confiança do imperador cometessem crimes que envergonhariam... os proprios garôtos da rua. A Allemanha ficou verdadeiramente horrorizada. O imperador Guilherme II deu logo uma lição de moralidade afastando para longe de si os seus validos reos de tão nefandos vicios. Muito propositadamente não nos alongamos mais neste assumpto porque o encontramos improprio da «Voz de S. Antonio».

Uma outra noticia mais consoladora nos vem tambem da Allemanha. Encerrou-se ha dias em Berlim o segundo congresso dos *operarios allemaes* não filiados no partido socialista. Estes operarios formam associações numerosissimas espalhados pelo imperio com caracter religioso. Contentam-se com o trabalho que seja honradamente

retribuido e declaram que «o trabalho, a moderação, o temor de Deus e a propria satisfação devem ser a base duma organização patriótica». Esta enorme força está sempre ao lado do imperador para o ajudar a engrandecer a Allemanha pela pratica da virtude.

Feliz o paiz que conta tantos elementos moralizadores!

A viagem dos reis de Hespanha a Inglaterra traz os nossos vizinhos doidos de alegria: os monarchicos porque gostam de saber as anedoctas que se contam lá fóra dos seus jovens e sympathicos reis; os republicanos porque vêem na ausencia do rei já um ensaio de Republica e que a Hespanha pode um dia dispensal-o para sempre, tanto mais que Affonso XIII rompendo com a velha pragmatica não nomeou uma regencia.

A politica interna, porem, continua embrulhada. A commissão competente estuda actualmente as emendas a introduzir no projecto de reforma de «administração local». Mas a solidariedade catalã já proclamou não se contentar com o projecto e por isso Maura prepara-se para sustentar uma lucta formidavel no parlamento que será mais uma victoria para elle. O parlamento para Maura é o seu tribunal. E' alli que elle se sente bem.

Esta actitude de solidariedade foi determinada por um incidente que revoltou os entusiastas da descentralização. Foi o caso que numa festa celebrada em Santiago do Chile a numerosa colonia catalã adornou o seu centro com as duas bandeiras, a da Republica onde vive e trabalha e a da Catalunha onde nasceu e tem o coração. Ora os hespanhoes tomaram este procedimento como um insulto á mãe paterna e instaram para que o consul mandasse substituir a bandeira catalã pela hespanhola; o que elle fez de acôrdo com o Presidente da Republica.

Esta noticia chegada agora pelos jornaes americanos á Hespanha exaltou os animos e a Catalunha, julgando-se offendida, pareceu tomar o caminho da revolução. Mas o verão de S. Martinho serenou a tempestade.

A Belgica dá-nos o exemplo do que pode um trabalho serio da parte dos catholicos.

As eleições municipaes constituiram uma victoria estrondosa para os catholicos. Os socialistas e liberaes colligados foram vencidos em toda a linha. A gloriosa historia do partido catholico já os leitores conhecem. Basta recordar aqui que tambem na Belgica governou um partido que levou o seu espirito anti-religioso ao extremo de romper as relações com o Vaticano. Foi então que ao grito de «religião em perigo» os catholicos se organizaram deitando a terra o ministerio Frère Orban em 1884. Desde então até hoje a Belgica governada pelo partido catholico tem progredido sempre. O governo catholico encontrou solução para os graves problemas sociaes que alli se agitam mais do que em nenhuma parte devido ao excesso da população e ao numero consideravel de operarios. E o povo belga demonstrou agora que ainda lhe dá a sua plena confiança por occasião das eleições municipaes. A lucta foi renhida; de ambas as partes mobilizaram-se todas as forças, sendo o resultado um triumpho grandioso para os catholicos que

furaram o bloco compôsto de liberaes e socialistas.

Braga, 25 -- 11 -- 907.

BASILIO DA C. SILVA.



CARTA D'AFRICA

Primeiras difficuldades

Foi sob taes auspicios e no meio de todas essas circumstancias mencionadas nas correspondencias anteriores, que se fundou a missão, levantou a escola e se iniciaram os primeiros trabalhos de instrucção e civilização a estes pobres esquecidos da sorte.

Seria escusado ponderar a rudeza, a desconfiança e as difficuldades com que tivemos de lutar desde os primeiros dias e durante muitos menses. A natural repugnancia que os pretos teem para com os *brancos*, não só por seus habitos e costumes inteiramente diferentes dos nossos, e por sua extrema timidez que provém da sua total ignorancia e por uma certa superstição a respeito dos *brancos*, que para elles são uns entes de categoria muito superior, torna-se para assim dizer fatal pelo justificado temor das violencias e vexações que tão acostumados estão a receber, com a mais natural sencerimonia, da maior parte dos colonos espalhados pela provincia.

Esses *cafres* e *landins*, de que tantas cousas temiveis se contam entre o povo, são verdadeiras ovelhas. Um bando delles não se atreve com um só branco. As arbitrariedades de toda a sorte e a incontestavel superioridade do *branco*, tornam-nos covardes, tímidos, medrosos e desconfiados até ao excesso.

Desta sorte não é possivel capacitarem-se de que um *branco* possa vir para o meio delles desinteressadamente e em attitude pacifica, tornando-se por isso em certo modo contraproducentes os esforços do missionario para os atrair. Os pretos julgam que estes esforços e boa vontade, são um novo meio de os enganar para depois mais á vontade os vexar, e um ardil talvez mais seguro de abusar de sua ingenuidade. E certamente não ha nada mais logico e natural que esse modo de pensar, pois *todos* os meios teem sido postos em practica nestas malfadadas terras para enganar o preto, para o roubar desapiedadamente, para abusar de sua pessoa e familia, para o vexar tiranica e vilmente, ainda á custa dos actos mais infames e vergonhosos. Isto é tão claro e notorio que não é preciso ter os olhos muito abertos para o observar, apezar de haver muito boas leis e em toda a parte soarem lindas theorias de justiça e equidade. Cada *branco* é para os pretos um verdadeiro rei — *hosi* — (assim tractam elles os *brancos*), porque em todos veem um poder descriptivo e em muitos o despotismo feroz e brutal de seus antigos dominadores indigenas. As honrosas excepções, que tambem as ha, não são para nomear. Fazem o seu dever e nada mais.

O preto que parece *naturalmente* confiado e ingenuo, é hoje *essencialmente* desconfiado e mentiroso para com os *brancos*, porque a triste ex-

perencia assim o fez, e nem já elle concebe o branco de outro modo; e se nelle alguma vez observa magnanimidade, humanidade e justiça, não lhe parece isto natural, e antes crê effeito de pusillanidade e covardia. E' triste mas é verdade!

O preto só vai expontaneamente ás cantinas, onde se lhes vende por alto preço um verdadeiro veneno, com o pomposo nome de *vinho colonial*, que é fabricado nas margens do Tejo; e ainda assim não é sem certo receio que aí vai, e sem a consciencia de que será recubado quanto fôr possível, muitas vezes á força de *cavallo marinho*. Mas essa fatal atracção que o preto sente pelo alcool, e que elle não pode dominar, fal-o-ia atravessar todos os precipícios, e assim se explica como elle aí se junta, como por encanto logo que possa dispôr dum triste *xelim*.

Por esta breve exposição se poderá ver quão difficil nos seria atrail-os e acostuma-los a encarar-nos sem receio. Não era senão com grande magua que ao quereremos travar relações com elles os viamos fugir espavoridos e aterrorizados. Era preciso chamal-os brandamente, disfarçar o intento que tinhamos de os encontrar quando os surprehendiamos, dirigindo-lhes apenas uma palavra de confiança ou uma saudação familiar e lisonjeira, simulando que iamos a outro negocio mas voltando em seguida sobre nossos passos e dizer mais algumas palavras de confiança aos que estavam já animados a suportar melhor a nossa vista. Com taes meios iam pouco a pouco perdendo o receio, e quando de novo os encontravamos já se não occultavam inteiramente fugindo para o mato, mas apenas se afastavam o sufficiente para se porem em salvo se a tanto ainda os obrigasse o medo. Faziamos-lhe então algumas ofertas, diziamos-lhes palavras de animação, exprobrando-lhes brandamente a sua exagerada timidez, e pediamos-lhe que trocassem comnosco seus generos e comestiveis que logo se pagava superabundantemente, e assim se iam estabelecendo relações de confiança entre nós e elles.

Depois começaram a vir pouco a pouco até ao local da missão; primeiro de longe e a occultar, depois iam-se aproximando, mas sempre com tal receio que ao mais pequeno movimento dirigindo-nos para elles ou chamando-os, fugiam todos cada um para seu lado com grande algazarra, transidos de terror e medo, e occultavam-se no mais embrenhado do bosque onde não tardava a reinar o mais profundo silencio!

Entretanto a confiança que algum mais afoito ia toinando, certificando-se que não eramos tão temiveis como á primeira vista nos supunham, espalhava-se rapidamente pelas visinhanças e muitos aaventuravam-se a experimentar por si mesmos a nova extraordinaria que ouviam. E ainda o não faziam a todo o sangue frio, pois era visivel o seu constrangimento, que muitas vezes se traduzia por um automatico movimento de fuga, de que até elles se riam quando, com palavras brandas, lhes notavamos o seu infundado receio.

Finalmente a confiança começou a espalhar-se por todos os nossos visinhos, e já grande numero delles se não temia de vir passar as tardes e as manhãs á missão e meter o nariz em tudo cheios de curiosidade. Isto porem levou muitos

meses, e á custa de muitos arbitrios, de bastante prodigalidade, de muita condescendencia, paciencia e mortificação de espirito. Oh! sim, mortificação do espirito e profunda tristeza da alma! E não pareça isto extranho, porque só aos actores de scenas como esta é dado avaliar e apreciar a amargura que tantas contrariedades causam no espirito, e o desespero e desalento que vão infiltrando na alma! Talvez seja esta uma pagina comovedora e cheia de atractivos para quem nunca a experimentou, ou para uma feliz e fertile imaginação que tudo idealisa e sublima, mas a crassa realidade. . . essa é tão prosaica e desalentadora!! . . .

Veio em fim a inauguração de uma escola e era com esses elementos ainda nem a terça parte domesticados, permita-se-me o termo, que deviamos principiar.

Para mais facil attractivo annunciou-se um *batuque*, dança caracteristica dos pretos e á qual ninguem faltou. Novos e velhos, tudo prometeu de vir á escola no dia seguinte, animados pela alegria e confiança. Alguns, sobretudo, que já ha muito tempo mostravam grandes desejos de vir á escola, falavam com grande jubilo e entusiasmo desse factio extraordinario de sua vida.

A abertura da escola estava marcada para as 8 horas da manhã do dia seguinte. Um dos mais entusiasmados, já estava á porta da escola ás 6 horas perguntando pela *outra gente*.

Quando ás 8 horas a fomos abrir sem que apparecesse mais ninguem, apoderou-se um tão grande terror do espirito do pobre rapaz, que apenas lhe ficou o tino bastante para fugir com extrema precipitação, olhando de longe para traz como que a certificar-se se realmente e por milagre tinha escapado dum grande perigo. Mais tarde soubemos que elles julgaram que essa casa, a que chamavamos escola, era destinada a suplial-os.

Isto deu-se a 20 de março. No dia seguinte nem uma viva alma appareceu nas proximidades da missão. A 22 abriu-se definitivamente a escola. Apresentaram-se uns quatro rapazes dos mais afoitos, mas que no dia da inauguração não poderam ser senhores de si pelo terror supersticioso que os tomou; com elles e com os nossos cinco moleques, que foi preciso levar quase á força, podemos principiar a escola.

E' facil comprehender o que seria essa primeira aula, a meia duzia de creanças, que estavam fazendo esforços heroicos e sobre-humanos, para não serem asphixiadas entre aquellas quatro paredes de caniço e esmagadas debaixo daquelle tecto de colmo, mas para elles duma presão colossal!

Lemos a primeira e simplicissima lição da **Cartilha Maternal**, no meio duma especie de brinquedo forçado para animar esses pobres filhos de Eva, e elles a medo esforçavam-se em repetil-a uma e muitas vezes, e, como mães que animam seus filhos e lhes procuram incutir no animo um brio prematuro, assim andavamos estudando expressões e modos que lhes incutissem coragem e confiança.

Estes arbitrios desfizeram parte de suas illusões, e espalhou-se logo a fama pela visinhança, atraíram no dia seguinte mais alguns *curiosos*. Assim foi augmentando o numero de escolares

durante alguns dias, e á medida que os ultimos ganhavam confiança e perdiam o medo, os primeiros estavam já homens para afrontar sem temor os phantasticos perigos dessa casa que a principio lhes pareceu um lugar sinistro e mau. Passaram-se semanas e meses, e ainda a escola se recentia da supersticiosa desconfiança desta pobre gente rude. Houve uns dez rapazes, duma só familia, que, apesar de frequentarem muito o local da missão, nunca se atreveram a ir á escola senão pelos fins de julho, depois de muitas promessas e instancias.

Quando já podiamos contar uns trinta alumnos começamos a escrevel-os na matricula. Este acto produziu grande burburinho entre elles e muitas dissensões. Julgaram ser um ardid para melhor os haver ás mãos e os obrigar a trabalhos forçados, ou desterral-os para regiões longinquas como escravos. Os menos timidos e mais experientes opinavam ser este um meio de mais facilmente os mandarmos castigar pelos *cipaes*, ou metel-os no calabouço se por ventura nos fizessem alguma das suas. Tão habituados estão a toda a classe de arbitrariedades, que era muito difficil desfazer-lhes tão obstinada desconfiança.

Alguns para melhor se assegurarem de nossa justiça e lealdade, da qual evidentemente já não queriam desconfiar, exigiam que juncto ao delles escrevessemos nossos proprios nomes, como penhor de segurança para os seus. Facilmente illudiamos este ingenuo requerimento escrevendo um qualquer de seus proprios nomes, mas desistimos logo de fazer mais matriculas ás claras por duas razões principaes. A primeira porque não eram precisas, e a segunda por merecerem pouca fé os nomes que dão. Effectivamente é rarissimo um preto dar o verdadeiro nome ao branco que lh'o pede, a não ser que não desconfie de suas boas intenções. O mesmo succede, em geral, com os moleques que entram em serviço d'algum branco. A cada patrão dão um nome differente. Isto para evitar abusos de confiança. E fazem muito bem.

Tinhamos porem que lutar com difficuldades bem mais graves que as precedentes. Uma das principaes era a nossa ignorancia da lingua. Os naturaes recursos da mimica e algumas poucas palavras que conseguimos aprender nos primeiros meses, eram meios desesperadores, de resultados comicos e visiveis, para quem deseja exprimir claramente a ideia mais simples e trivial, quanto mais para nos entendermos com todos e a respeito de tudo. Por outra parte o estudo da lingua indigena apresenta difficuldades quase insuperaveis, não só por sua absoluta falta de analogia com as nossas mas porque faltam tambem quase completamente elementos escriptos de estudo, e entre os proprios indigenas é rarissimo encontrar um que saiba tantos termos da nossa lingua, como nós sabemos da indigena. Alem disso é riquissima a lingua indigena, duma extraordinaria flexibilidade, muito complexa, possuindo uns *tiques* peculiarissimos e inimitaveis, o que tudo concorre para a tornar difficil de aprender. Por outra parte a *sintaxe de preto* é difficil, porque é muito perfeita, como muito perfeitas são todas as suas regras gramaticaes, muito ao contrario do que ordinariamente se diz, pois o que nós chamamos *sintaxe de preto*, não é outra

coisa que a *sintaxe dos brancos* quando falam as linguas indigenas, e que os indigenas procuram imitar quando falam as linguas europeas.

Felizmente o Rev.^o Padre Superior tem-se dedicado com tenacidade e verdadeiro afincio ao estudo da lingua, servindo-se dalguns escriptos da lingua de L. Marques, muito semelhante á desta região, e cujos principaes são: *Gramatica Ronga*, do presbytero suiso *Hariri A. Junod*, seguida dum vocabulario Ronga-Portuguez-Francez-Ingles; subsidios para a mesma do *Padre Pinheiro*, de Sernache, e o *Diccionario Ronga-Portuguez* de *Torre do Valle*. Com taes elementos e com muito estudo já entende e faz-se entender regularmente pelos indigenas, concorrendo muito para taes adiantamentos o conhecimento que já tinha da *Lingua de Sena*, que, conquanto seja muito differente, pertence ao mesmo ramo da *Lingua Bantu*. Com dois annos de practica o *landim* será tão familiar para o Rev.^o Padre Camillo como a propria lingua materna.

Chai-Chai

P. DANIEL DA CRUZ

Da Associação Miss. Portugueza.



DE TODA A PARTE

EM VARATOJO (Torres Vedras)

Inauguração de uma nova Escola. — Foi a 3 do mês de novembro que se effectuou a inauguração da nova Escola de Varatojo.

O pôvo de Varatojo e visinhanças exultou de jubilo. O dia 3, como muito bem disse o director do Instituto, foi de *grande gala* para aquelle bom pôvo.

A' sessão solemne con orreram centenas de pessoas mesmo das freguezias mais distantes do concelho de Torres Vedras. A festa foi deveras linda.

O digno professor da Escola snr. Francisco Rebello tem sobrados motivos para se felicitar pela perfeição e rapidez como se completaram as obras não contando outro forte de receita alem da caridade publica. Consola; faz bem pensar que no meio do egoismo que nos cerca ha ainda tantas almas boas que observam plenamente o preceito do divino mestre.

A nova Escola de Varatojo é um testemunho eloquente de que a caridade, a flôr mais linda do jardim christão ainda não murchou na alma dos habitantes do concelho de Torres Vedras.

E como é bom exercer a caridade auxiliando as creancinhas a formar o coração e a intelligencia, dando-lhes a conhecer a Deus e a doutrina catholica — instruindo-as mas christãmente!

E' já coisa banal repetir que urge aprofundar a fé na mocidade estudiosa de que dependem os destinos da nossa querida patria.

E por isso é consolador vêr a inauguração d'uma nova Escola levantada apenas pela caridade de catholicos sinceros que mostram comprehender o seu dever na hora presente.

A' instrução que se aprende nas escolas sem Deus opõem elles uma outra religiosa, christã.

E que não são baldados os seus esforços e mal empregados os seus sacrificios, demonstra-o numero consideravel de alumnos que já ali na antiga escola hauriram uma instrução religiosa solida que, como luz nas trevas d'uma noite escura, lhes ilumina a estrada da vida.

E' bom recordar que desde 1899 o actual professor já levou a exame mais de 100 alumnos obtendo sempre grande numero de distincções e aprovações. Actualmente as matriculas elevam-se a 90.

Escusado é afirmar que os rapazes não *fazem gazeta* porque vêm no seu professor não um carasco que lhes racha as mãos com a palmatoria, mas um amigo que lhes procura o seu bem, um imitador d'Aquelle que disse: «o que fizerdes ao mais minimo d'estes, a mim o fazeis».

Bem hajam pois todos aquelles que concorrem de alguma maneira para uma obra tão necessaria e simpatica!

Aqui, em nome de tão ilustrado como modesto e bom professor snr. Francisco Rebello lhes deixamos consignado um voto de eterno agradecimento.

Ao snr. Francisco Rebello enviamos as nossas entusiasticas saudações pela conclusão d'uma obra altamente humanitaria e christã, que depois de Deus, se deve á sua intelligencia e iniciativa, como muito bem acentuou um dos oradores e tambem grande bemfeitor da Escola o snr. José Eduardo Cesar.

EM LISBOA

Conferencias no salão da Ordem Terceira a Jesus. — Os leitores já conhecem bem o interesse que téem despertado em Lisboa as Conferencias realizadas no salão da Ordem Terceira a Jesus.

O ultimo conferente, o conhecidissimo e popular orador e fervoroso propagandista catholico o snr. dr. Pinto Coelho distincto advogado deve estar satisfeito pela concorrência enorme que o tem escutado com a maxima attenção. As suas conferencias descrevendo com o brilhantismo da phrase que lhe é peculiar e auxilio de projecções luminosas a cidade de Lourdes e os milagres ali realizados foram devéras notaveis.

O ouvinte fez alegremente a viagem a Lourdes, sem pagar dinheiro, quasi sem deixar a sua casa, admirou os milagres da Virgem, louvou a Mãe de Deus e sahio de lá consolado e firme nas suas crenças.

Se instituições congeneres se fundassem nos restantes bairros da capital cremos ter-se-hia dado um grande passo na christianização da nossa sociedade.

Ao snr. dr. Pinto Coelho as nossas felicitações.

EM BRAGA

Um bom exemplo. — Devido a um conjuuncto de circumstancias que julgamos inutil enumerar aqui, Braga continúa sempre a ter a primasia na instituição de obras altamente simpaticas que merecem o aplauso de todos os bons.

As senhoras de Braga, deram-nos agora um grande exemplo digno de ser secundado por todos aquelles que trabalham na moralisação da nossa querida patria.

Repete-se todos os dias que é indispensavel pôr cõbro a essa campanha de immoralidade que o jornal impio e publicações congeneres inoculam nos corações da mocidade inexperiente.

Ultimamente falou-se muito no mal que os postaes ilustrados pornographicos causavam á nossa patria, e ninguem apresentou um meio pratico de pôr um dique a esse mal.

Fizeram-no agora as senhoras bracarenses determinando não comprar coisa alguma n'aquelles estabelecimentos onde elles se encontram á venda.

E logo uma senhora se comprometeu a indagar o local d'esses estabelecimentos para os anunciar ao publico como conniventes e propagandistas da imoralidade.

Se ellas fossem imitadas...

E' assim que nós comprehendemos o papel da mulher christã: trabalhar por todos os meios para que o mal que lavra d'uma maneira aterradora, seja eliminado.

A mulher pelas suas qualidades excepcionaes pode melhor do que ninguem tomar parte activa n'este combate pelo bem e pela moralidade.

Parabens e avante!

Mês das almas em S. Victor. — Como nos annos anteriores, o mês das almas em S. Victor tem sido muito concorrido.

Braga, desmente assim, categoricamente a fama de hipocrita que alguns lhe querem imputar.

Não é, não pode ser hipocrisia, o sacrificio que tanta gente faz erguendo-se tão cêdo, soffrendo o frio e muitas vezes a chuva para dirigir uma prece a Deus pelos mortos.

Nota-se mesmo, o que se não vê em muitas partes, uma grande afluencia de homens, que, recolhidos e attentos ouvem a palavra do ministro do Senhor.

E certamente esses homens são um exemplar para os seus companheiros na fabrica.

E' isto o que se vê e que nos compraz de dizer aos leitores offerecendo-lhes como exemplar o povo da freguezia de S. Victor.

Ensino da doutrina christã. — O snr. Arcebispo de Braga no exercicio do seu ministerio, publicou agora uma carta pastoral resumindo os ensinamentos de Pio x sobre o modo do sacerdote fazer a «homilia, o sermão e a catechese».

Sobre esta carta pastoral que juntamente com a Enciclica de Pio x sobre o ensino da doutrina christã somente recebemos hontem 27, depois de impressa a secção de bibliografia, referir-nos-hemos no proximo numero; agora cumpre-nos tão somente dar esta noticia aos leitores felicitando ao mesmo tempo o clero, pela publicação d'um documento tão util e bem feito sobre o difficil ministerio de ensinar o povo.



mente, não para salvar a patria ou os batataes — que o tempo não pôde chegar a tudo... — mas para salvar da fallencia as finanças domesticas e para equilibrar o orçamento caseiro, extinguindo o *deficit*. (Porque has-de saber, meu caro Leitor, que esse monstro horrendo, do *deficit* nacional, tem proliferado prodigiosamente uma cachorrada lazeirenta, que se atirou, faminta e insaciavel, ás pernas da maior parte dos nossos patriotas).

Nestas alturas apparecem os patriotas invariavelmente *regeneradores* ou *progressistas*. Os que o eram já, afervoraram-se ao rubro na sua crença politica; os que ainda o não eram, ficam-n'o sendo agora, e mais fervorosos que os outros.

«Então você não era republicano, — anarchista. — socialista, — catholico, — miguelista, — ecclético?...»

— E' verdade, homem.

— Então como é que se fez *regenerador*, *progressista*, ou *franquista*?...

— Que quer?... Urgencias da vida. Mas deixe-me você ganhar a minha independencia; e verá então como eu mando *tudo isto* de presente ao diabo!...

E, enquanto, de penates a dentro, na dôce intensidade do lar, o patriota faz destas confidencias cheias de sinceridade, vai ruminando um discurso ardente, inflamado, electrisado, em que vinga, em termos vehementes, o seu patriotismo, o seu desinteresse, a sua devoção acendrada á causa publica.

E, feito espadachim brigão, desafia logo para duello todos aquelles que se atreverem a duvidar do seu amor patrio...

Oh! os patriotas!...

...Mas vai a gente a inquirir e apura que o méco se abiscoita com dois, quatro, seis empregos, que lhe rendem tres, seis, dôse contos de réis; que tem um palacio em Lisboa e uma quinta nos arredores, ou na provincia, onde passa a estação calmosa; que é um dos principaes accionistas em quatro, oito, vinte companhias, e varias emprêsas commerciaes ou industriaes, de exploração d'isto, d'aquillo ou d'aquell'outro...

Etc... etc... e etc...

E os seus serviços á nação?... E as suas benemerencias patrioticas?...

Ora!... N'isso nem se fala: dispõe de cem, duzentos ou quatrocentos votos, no concelho A., ou no districto B.; e pôde, assim, contribuir para o triumpho do partido, 'numas eleições renhidas, em que cincoenta caceteiros e duas duzias de chapeladas não bastariam a assegurar a victoria.

E quanto ao mais:

«...*Isto da patria e lar*
E' *bôa femea, bom humor e bom jantar,*
O *ditoso torrão da patria!*... *que imbecis!*
No globo não ha mais que *uma patria: Paris.*
A *nossa então que choldra!* *Infecta mercearia,*
Guimarães, Polycarpo, Antunes Braga & C.^o!»

— como philosophava *Opiparus*, na «*Patria*» de Guerra Junqueiro.

E vai impando muito choncho:

«*Alapardou-se em mim o dever e a virtude!*»

Não o conheces Leitor?... E' porque per-

tences á confraria d'aquelle Santo, que os Bracarenses veneram com a invocação de «*São-Bom-Homem*»...

Pois não te será difficil reconhecê-lo: é o conselheiro Fuão, antigo governador civil, antigo deputado em muitas legislaturas; commissario regio, diplomata, ex-secretario do ministro Cicrão; jornalista, governador no ultramar, presidente de varias commissões; talvez ministro e Secretario de Estado umas poucas de vezes, sobraçando successivamente as pastas todas; e

...«*é banqueiro: entrou 'nessa remonta*
De pares que se fez ultimamente,
Porque em Loanda, a crer o que se conta,
Ganhou em pretos fabulosamente.»

Ora, ahí tens.

*

Mas este é o patriota de *primeira classe* — o patriota que ronca grôso, que traz o rei na barbiga, que faz ultimatós ao chefe do partido e ao chefe do governo; o patriota que tem entrada em todas as repartições, que frequenta todos os ministerios, que *se arranja* com todas as situações, que *se entende* com todos os partidos, que *se governa* com todos os governos.

Abaixo d'este ha outras classes de patriotas, mais modestos sem duvida, mas não menos devotados ao bem da nação.

O patriota de *segunda classe* é eleiçoeiro de profissão. E' um soba no concelho, ou na freguezia. Não é menos mequetrefe nem menos bisnau que o outro; e se não é tão fino, é mais manhoso.

E' homem de lêtras gôrdas. Rabisca o seu nome, furando tres vezes o papel, antes de escrever a primeira lêtra, como o Manuel da Mó, de picaresca memoria, cuja biographia nos ficou escripta por Camillo. Nos seus tempos de rapaz versou o *Methodo facillimo* e o *Paleographo*; hoje confessa, com magua, que os annos lhe vão fazendo esquecer o muito que então aprendeu...

Serviços patrioticos: manipula rasoavelmente o voto livre e o correspondente carneiro com batatas. Eleição em que elle se metta é eleição ganha; ufana-se de nunca ter perdido uma eleição, ainda que isso lhe tenha custado, algumas vezes o dispendio de trinta almudes de vinho.

E' um Napoleão, que em cada batalha tem um Austerlitz.

Como todos os verdadeiros patriotas, é muito desinteressado. Eis a lista das suas aspirações:

O patriota de *primeira classe* ha-de ser seu compadre.

ha-de arranjar-lhe um emprêgo para cada um dos filhos;

ha-de abrir-lhe uma fonte, ou pôr-lhe um chafariz, ao rebato da porta;

ha de abrir-lhe uma estrada para a sua quinta de tal;

ha-de pôr-lhe uma estação de caminho de ferro junto da sua propriedade assim e assim;

ha-de conseguir que, 'num inventario em que é interessado, se faça a avaliação com uma depreciação de noventa por cento;

e, por ultimo, ha-de fazê-lo commendador.

Ha-vemos de concordar que não é exigente, o patriota de *segunda classe*

*

Menos o é, ainda, o seu obscuro burrinho de carga, o patriota de terceira classe

Este é analfabeto.

A sua função patriótica é dar o seu voto, em dia de eleição, segundo a indicação indispensavel do soba seu senhor, o patriota de segunda classe; e dar vivas, tambem segundo indicação d'elle, em dias de festa no burgo, como, por exemplo, quando por lá passa, em propaganda eleitoral, o patriota graúdo, o patriota de primeira ordem, que é o *Pontifex maximus* na seita.

As suas exigencias praticoticas são modestissimas: pede, pelo seu voto, dois dicilitros de vinho, e o direito de participar do carneiro com batatas;

espera que o amo livre um filho, da vida militar;

conta o livrará de pagar uma cóima, que lhe foi imposta por ter uma cabra sua lambido um pé de milho ao vizinho;

mas, se nada d'isso conseguir, resigna-se e dá-se por satisfeito se o seu amo e bemeitor (?), abraçando-o nas vespervas de eleições, lhe disser muito commovido: «olha Burrromeu amigo, tem paciencia: bem vês que fiz o que pude; mas foi impossivel! Para outra vez será: conta commigo, ouviste?»

— Muito abrigado meu senhor, muito obrigado.

— Nanja por isso...

*

.....
Não sei se o Leitor tem conhecimento do que

estatuem as praxes coimbrans, ácêrca da dependencia e subalternisação dos alumnos dos varios annos do curso universitario. A fórmula é, pouco mais ou menos como segue:

«Os alumnos do quinto anno pedem aos do quarto, que lembrem aos do terceiro, que mandem aos do segundo, que batam nos do primeiros».

A fórmula da dependencia mútua das varias classes de patriotas é mais simples e mais radical: o patriota de primeira classe é o senhor; o da segunda é escravo; o da terceira é burro, salvo seja...

«Branco manda, preto caminha». E' assim entre os pretos da Guiné; e assim é em Portugal, entre os nossos patriotas.

Pouco nos importaria isso, se não fôssemos nós, por fim de contas, os que temos de pagar o custo e o luxo de tanto patriotismo junto. Mas o ubere da nação, minado já de tanto lhe chuchurream, protesta contra esses mequetrefes, assim escandalosamente empanilhados.

O erario publico, irremediavelmente ferido de ethiguidade incuravel, é um pregão, mudo mas eloquente, contra os patriotas, que, tendo devorado o que legitimamente era nosso, ainda nos arranjaram, pedinchando pela casa alheia, um calote vergonhoso, que faz de cada portuguez um caloteiro na quantia de cento e cincoenta, a duzentos mil réis!

Porisso — abaixo os patriotas!
Fóra com elles!

26—XI—07.

PELO CHRONISTA DA «VOZ» ARGUS.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA



Redacção.—Toda a correspondencia que se refira á Redacção, troca de jornaes etc.—Deve ser dirigida ao Rev.^o Padre Director da «Voz de Santo Antonio»—BRAGA.

Administração.—O que se refrirá á Administração, como pedidos de qualquer obra, esclarecimentos sobre dinheiro enviado ao exc.^{mo} snr. Thesoureiro e tudo que diga respeito ao movimento financeiro da Empreza ao—Administador da «Voz de S. Antonio»—BRAGA.

ASSIGNATURAS

Reino e ilhas Adjacentes e colonias

Por anno..... 1\$200
Cobrança pelo correio..... 1\$250

Estrangeiro

Brazil (réis fortes)..... 1\$300
Outros paizes (francos)..... 7